

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 305

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: fevereiro de 2020 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Fevereiro/2020. Florianópolis, 2020, 49p. (Epagri. Documentos, 305).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	12
Soja	17
Trigo.....	20
Hortaliças	22
Alho.....	22
Cebola.....	25
Pecuária	28
Avicultura.....	28
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	40
Leite	47

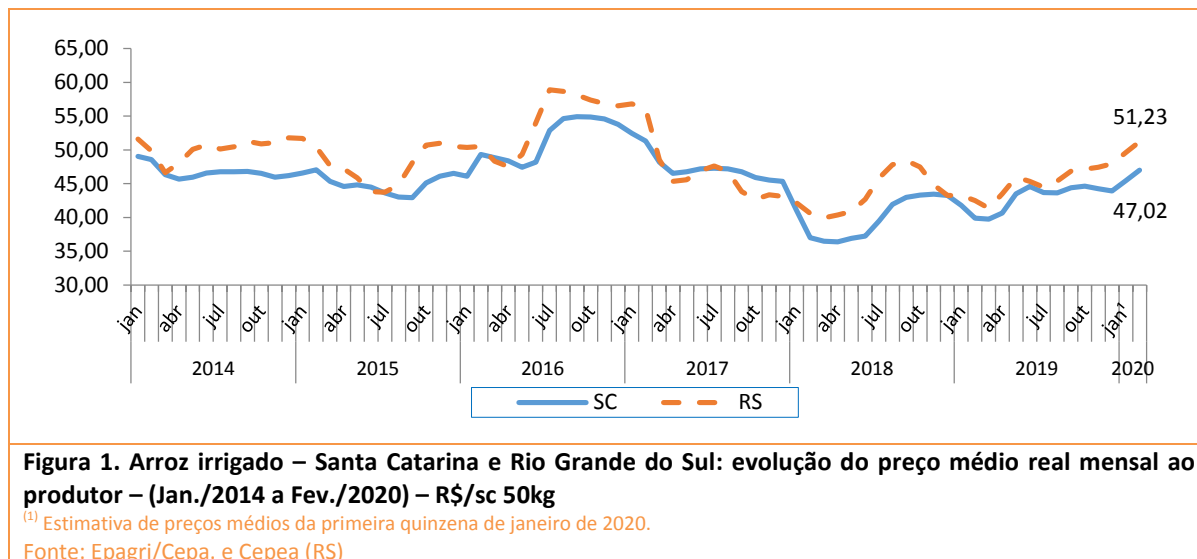
Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

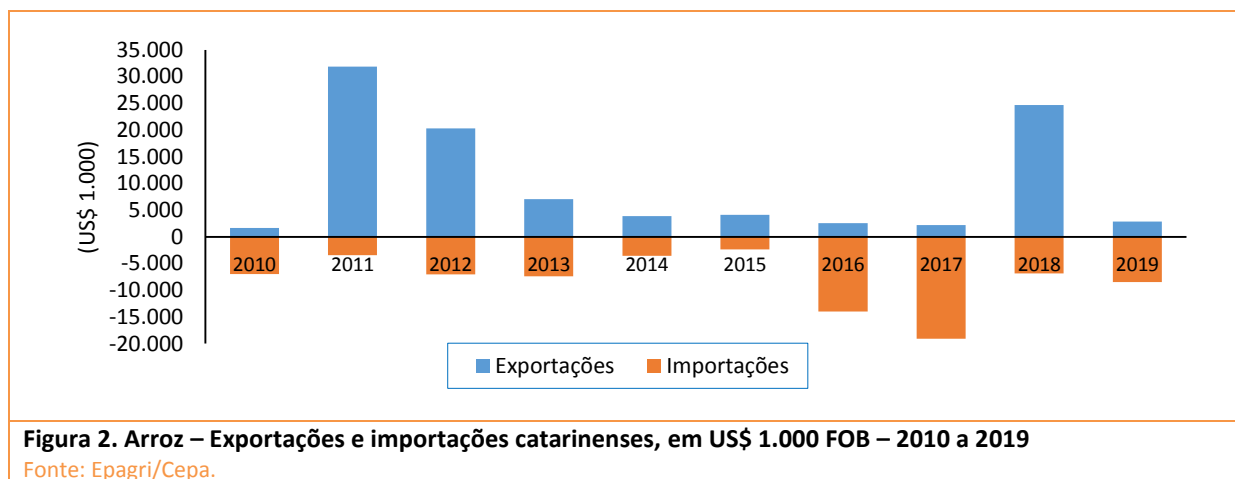
O preço do arroz em casca ao produtor seguiu ritmo de crescimento nos últimos meses. A finalização da comercialização da safra 2018/19, o início da colheita da safra 2019/20 e a expectativa de que a estiagem prejudique a safra corrente tem mantido o mercado aquecido, principalmente no Rio Grande do Sul. Em janeiro de 2020 os preços médios reais ao produtor em Santa Catarina fecharam em R\$45,45/sc e no Rio Grande do Sul em R\$49,60, o que representa uma variação positiva de aproximadamente 3,5% em relação à dezembro. Na primeira quinzena de fevereiro, os preços levantados apontam para a continuidade da tendência de mercado aquecido (Figura 1). Até o momento, a média de Santa Catarina é R\$47,02/sc e do Rio Grande do Sul R\$51,23. No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional, o excesso de chuvas entre setembro e outubro atrasou o plantio e a estiagem entre dezembro e janeiro deve afetar a produtividade. Isso tem mantido os preços elevados naquele estado e, por consequência, a transferência de preços para Santa Catarina tem sido observada. Além das causas citadas acima para esta valorização dos preços, é importante destacar que a safra 2018/19 apresentou produção menor do que a observada na safra 2017/18, em razão de problemas climáticos enfrentados pelos dois estados, o que elevou o patamar de preços desde o início da safra, comparativamente ao ano anterior.



Mercado externo

A produção da safra 2018/19 abasteceu a indústria catarinense, no ano de 2019, em cerca de 76% de sua capacidade, com o restante proveniente do Rio Grande do Sul, Paraná e países do Mercosul. A Figura 2 apresenta o valor exportado e importado de 2010 a 2019 por Santa Catarina. Observa-se que as exportações totalizaram US\$2,9 milhões em 2019, o que equivale a 6,12 mil toneladas, que corresponde a 11,5% do total exportado em 2018. A exemplo do Rio Grande do Sul, o número de parceiros comerciais aumentou significativamente em 2019, comparativamente a 2018, de 24 para 38. Os principais destinos

foram Trinidad e Tobago, Namíbia e África do Sul. Do lado das importações, houve um aumento de 23% em relação a 2018, com ampliação das aquisições de mercados como o Paquistão, Espanha e Tailândia, caracterizados por grãos especiais como os aromáticos. Contudo, as principais origens permaneceram sendo o Uruguai, Itália e Paraguai. A expectativa de menor produção no Paraguai na safra atual, que é um importante parceiro comercial do estado, também é um dos fatores de reflexos positivos no preço ao produtor catarinense.



Comparativo de safra

A safra 2018/19 encerrou apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de 2,51% em relação à safra 2017/18. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, que atrasou a evolução da colheita, esta se encerrou no final do mês de maio. As informações finais resultaram em uma área cultivada de 143,4 mil hectares, produção de 1,104 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare. A estimativa atual da safra 2019/20 aponta para uma leve redução da área plantada, que deverá ser de 143,04 mil hectares. A baixa produtividade obtida na safra 2018/19, em razão do excesso de calor ocorrido no período de floração, deverá ser superada na safra 2019/20, fechando em 8.0319kg/ha, cerca de 4,15% maior.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual - Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	51.530	401.775	7.797	0,00	4,72	4,72
Blumenau	8.222	72.177	8.778	8.265	72.300	8.748	0,52	0,17	-0,35
Criciúma	20.813	148.564	7.138	20.813	160.859	7.729	0,00	8,28	8,28
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	2.000	13.877	6.939	2,56	2,11	-0,44
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.216	77.556	8.415	0,22	4,00	3,77
Ituporanga	190	1.772	9.326	185	1.573	8.500	-2,63	-11,26	-8,86
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.151	153.736	8.470	-0,41	2,73	3,14
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	9.768	85.599	8.763	-0,14	2,20	2,34
Tabuleiro	120	976	8.131	120	1.020	8.500	0,00	4,54	4,54
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.410	18.045	7.488	-3,21	1,27	4,63
Tubarão	20.927	157.910	7.546	20.588	160.760	7.808	-1,62	1,80	3,48
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	143.046	1.147.098	8.019	-0,28	3,86	4,15

Fonte: Epagri/Cepa (Agosto/2019).

Comparativo de safra – Calendário Agrícola

No que diz respeito à evolução da safra em Santa Catarina, observa-se pela Figura 3 que até a primeira semana de fevereiro quase 20% da área estimada já foi colhida. Embora o plantio tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem que atingiu o estado entre agosto e outubro, o andamento da safra foi normal. Da área que ainda está plantada (cerca de 80%), aproximadamente 30% encontra-se em estágio de maturação, 69% em floração e 1% em desenvolvimento vegetativo. A colheita deve seguir até meados de maio. A região em que a colheita está mais avançada é o Litoral Norte. Em comparação à safra 2018/19, observa-se um leve atraso, mas até o momento não há estimativa de perdas para a cultura.

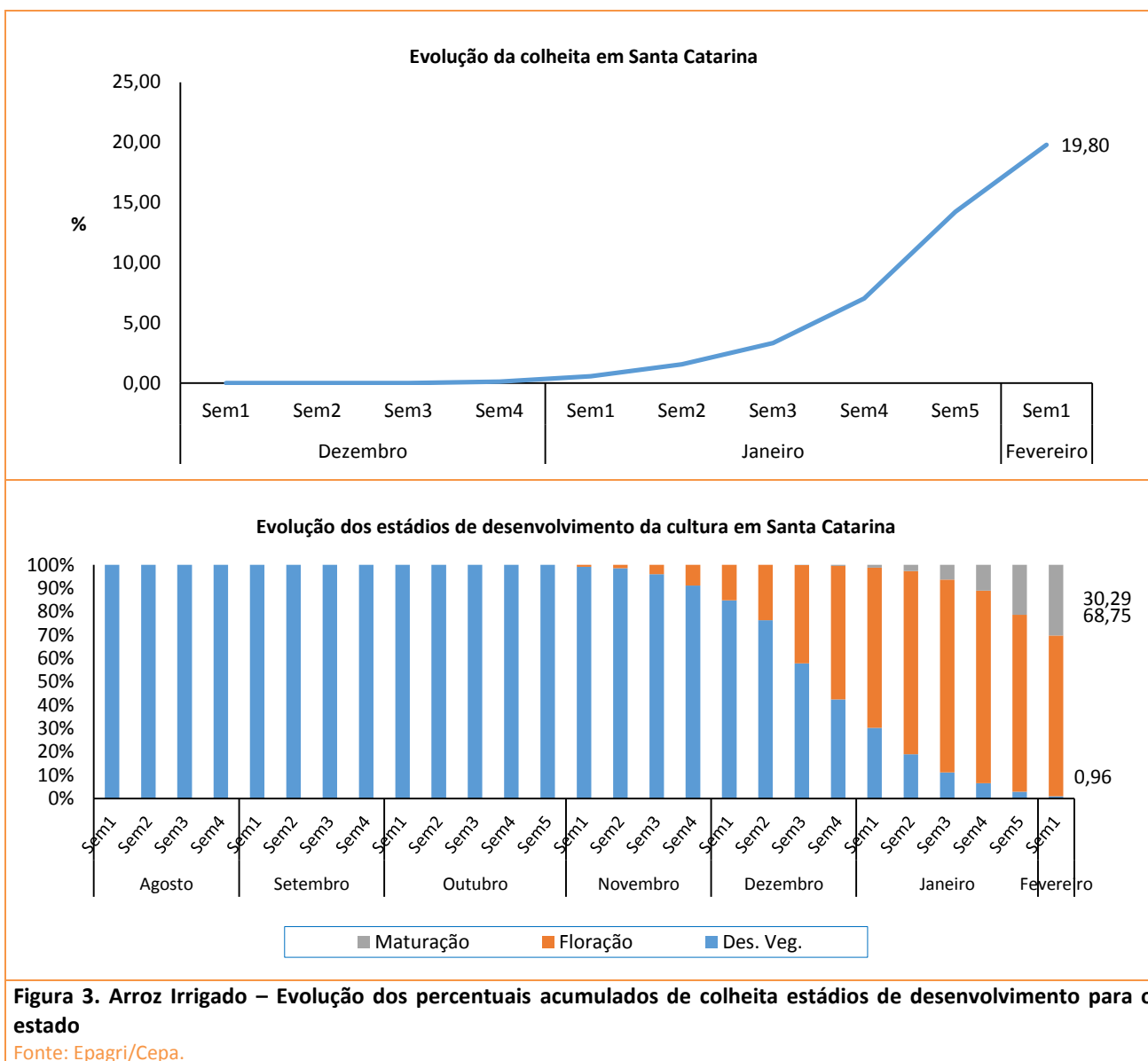


Figura 3. Arroz Irrigado – Evolução dos percentuais acumulados de colheita estádios de desenvolvimento para o estado

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O ano de 2020 começou com os preços de feijão em queda. No mercado catarinense, a saca de 60 quilos do feijão-carioca passou de R\$153,28 no mês de dezembro/19 para R\$136,63 em janeiro, redução de 10,86%. Quedas maiores foram observados em outros estados, como no Paraná, onde a redução foi de 21,62%, e em São Paulo, com diminuição de 12,66%.

Tabela 1. Feijão – evolução do preço médio mensal pago ao produtor – Safra 2019/2020 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jan./20	Dez./19	Variação mensal (%)	Jan./19	Variação (%) Jan./20 – Jan./19
Santa Catarina	Feijão-carioca	136,63	153,28	-10,86	119,11	14,71
Paraná		184,65	235,58	-21,62	206,96	-10,78
Mato Grosso do Sul		175,40	223,63	-21,57	243,47	-27,96
Bahia		170,22	232,34	-26,74	208,26	-18,27
São Paulo		212,76	243,60	-12,66	212,76	0,00
Goiás		185,71	233,33	-20,41	222,29	-16,46
Santa Catarina	Feijão-preto	127,57	128,61	-0,81	129,79	-1,71
Paraná		126,75	131,81	-3,84	160,83	-21,19
Rio Grande do Sul		140,70	141,90	-0,85	148,20	-5,06

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS). Janeiro, 2020.

Nos quatro primeiros meses de 2019 os preços pagos aos produtores foram os mais altos dos últimos dois anos. Em fevereiro, o preço médio estadual chegou a R\$229,37/sc 60kg para o feijão-carioca e R\$163,17/sc 60kg para o feijão-preto. A partir de maio, com a entrada no mercado da terceira safra proveniente dos cultivos irrigados do Centro-Oeste, os preços começaram a baixar, inclusive porque os mercados atacadista e de varejo dão preferência para compra de produto novo, em detrimento de produto estocado.

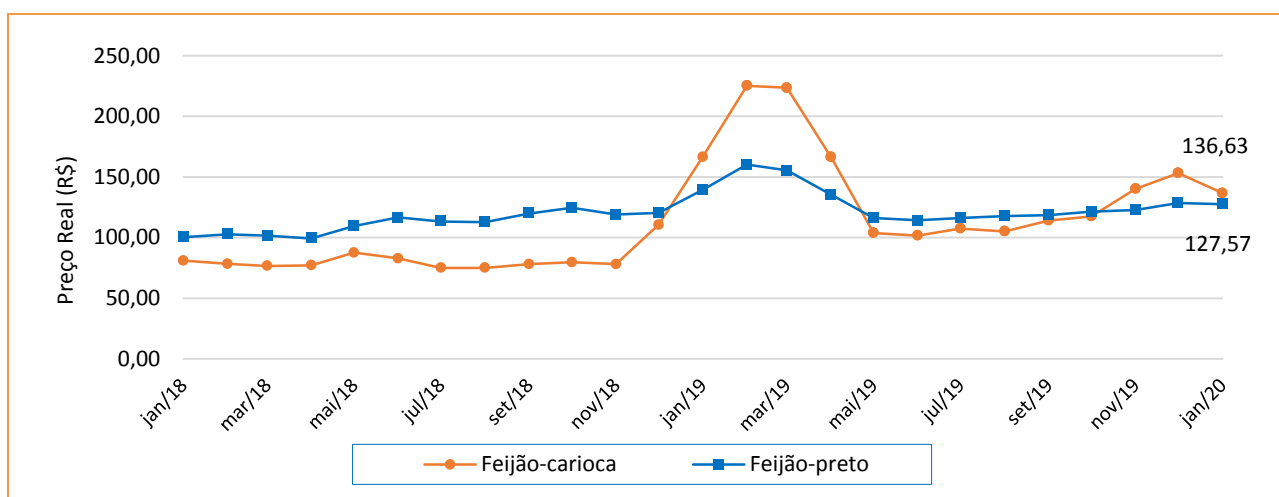


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal real pago ao produtor – jan./2018 a jan./2020

Fonte: Epagri/Cepa.

Segundo cotação da Bolsa de Cereais do Estado de São Paulo (BCSP), no dia 06/01/2020 a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,5 foi comercializada por R\$242,50, enquanto que no dia 27/11/2019 estava em

R\$285,00, variação negativa de cerca de 15%. No mesmo período, a cotação da saca de 60kg do feijão-preto extra era de R\$160,00, contra R\$175,00 no mês anterior, baixa de 8,6% e com mercado calmo.

Tabela 2. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	05/02/2020	06/01/2020	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra Novo (9,5)	220,00	242,50	-9,3	Calmo
Feijão Carioca Extra (9,0)	210,00	230,00	-8,7	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	190,00	217,50	-12,6	Calmo
Feijão Preto Extra	155,00	160,00	-3,1	Nominal

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 05/02/2020.

Nota 1: calmo - mercado com preço estável, pequenas oscilações.

Nota 2: nominal - mercado com preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP). Fevereiro, 2020.

Safra

As lavouras de feijão 1ª safra seguem para o final de seu ciclo. Em todo estado já foram colhidos 57% dos cerca de 35 mil hectares cultivados nesta safra. Apesar de problemas com estiagem em algumas regiões do estado e mesmo com a redução na área plantada em torno de 1%, esta safra deverá ser superior à passada em 7%. Deverão ser colhidas cerca de 67 mil toneladas, contra as 62,7 mil toneladas da safra 2018/2019. Este crescimento na produção se deve ao aumento de 8% na produtividade média das lavouras, que deverá encerrar a temporada com cerca de 1.915kg/ha (32 sacos/ha). Destaque para a região de Canoinhas, que deverá alcançar rendimento médio em torno de 38 sacas/ha.

Tabela 3. Feijão 1ª safra: Santa Catarina – comparativo das safras 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safr 2018/2019			Estimativa atual Safr 2019/2020			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	74	73	982	54	51	946	-27	-30	-4
Blumenau	92	104	1.130						
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.730	14.690	1.900	-1	-3	-2
Canoinhas	5.550	9.299	1.675	6.200	14.420	2.326	12	55	39
Chapecó	2.061	3.535	1.715	1.959	4.002	2.043	-5	13	19
Concórdia	420	657	1.564	377	575	1.525	-10	-12	-2
Criciúma	533	628	1.178	675	780	1.155	27	24	-2
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	8.472	1.772	-11	-18	-8
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	980	1.927	1.966	1.010	1.640	1.624	3	-15	-17
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	3.809	1.608	-2	16	19
Joinville	22	22	1.000						
Rio do Sul	603	961	1.593	596	965	1.618	-1	0	2
São Bento do Sul	680	966	1.421	600	1.200	2.000	-12	24	41
São M. do Oeste	1.199	2.303	1.921	827	1.664	2.012	-31	-28	5
Tabuleiro	463	812	1.754	376	475	1.264	-19	-41	-28
Tijucas	170	199	1.171	166	178	1.069	-2	-11	-9
Tubarão	973	1.305	1.342	773	981	1.269	-21	-25	-5
Xanxerê	5.868	11.125	1.896	6.478	13.094	2.021	10	18	7
Santa Catarina	35.326	62.728	1.776	34.982	67.000	1.915	-1	7	8

Fonte: Epagri/Cepa. Janeiro, 2020.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em janeiro, a média mensal do preço do milho em Santa Catarina foi de R\$40,56/sc de 60kg, superior em 2,6% ao mês anterior e 17% em relação a janeiro de 2019 (Figura 1). No Mato Grosso do Sul e Paraná, os preços apresentaram valores, em média, 9,5% superiores a dezembro. No período, os preços refletem alguns fatores:

- aumento significativo das exportações brasileiras de milho, que em 2019 alcançaram 43 milhões de toneladas¹, favorecidas pela demanda e valor do dólar acima de R\$ 4,00;
- o mercado está atento ao clima no Brasil. A estiagem, em alguns estados, causou atraso no plantio da soja, o que pode repercutir na segunda safra (principal) de milho em 2020;
- a demanda interna pelo cereal foi maior em 2019, em função das maiores exportações de carnes pelo Brasil, em especial para a China, o que deve se consolidar em 2020; e
- com estes fatores, os preços permanecem fortalecidos no início do ano, mesmo com o avanço da colheita no Sul do Brasil.

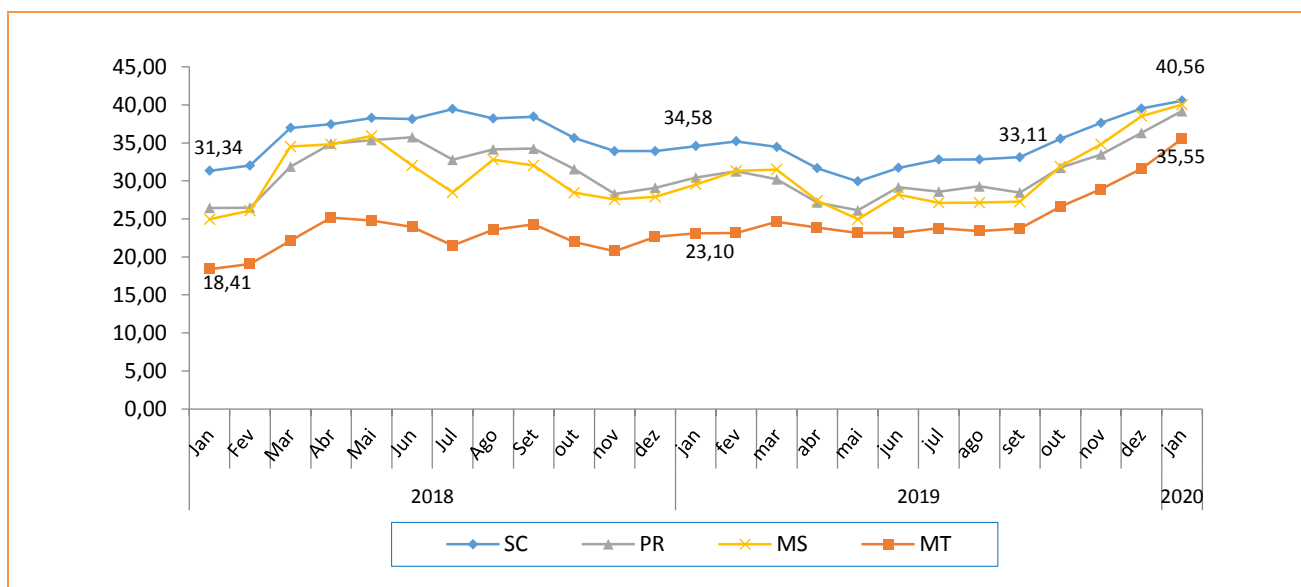


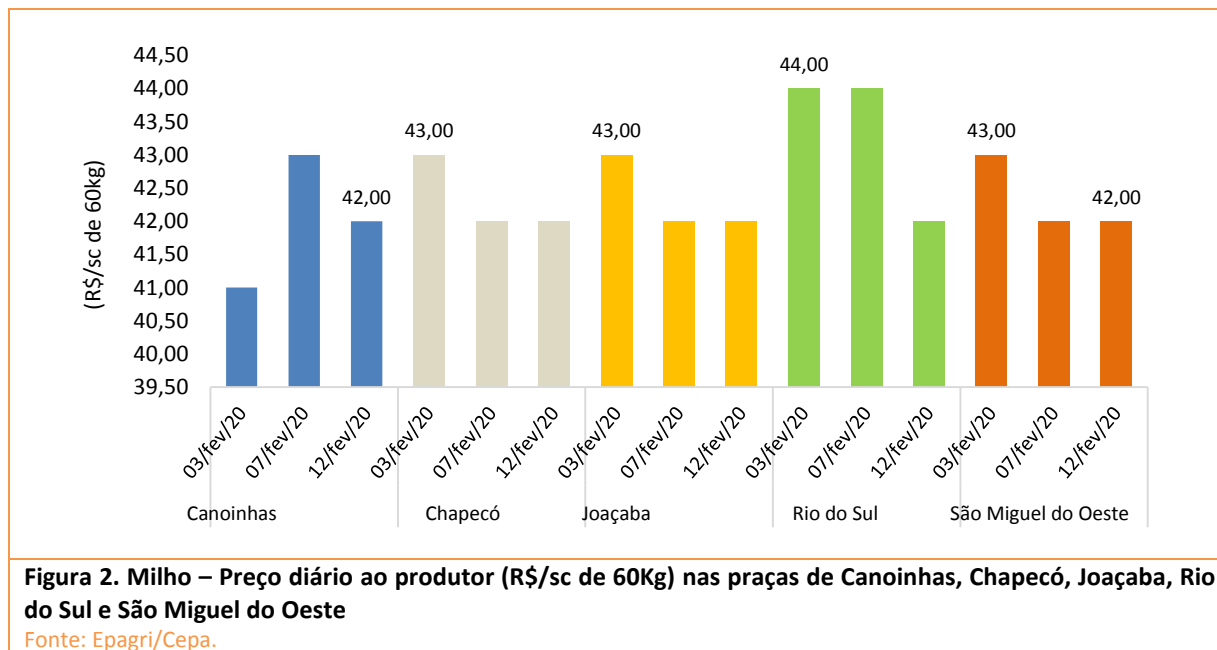
Figura 1. Milho – SC, PR e MS: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60kg), praça referência Chapecó, de 2017 a dezembro/2019 – (atualizados IGP-DI)

Fonte: Deral-PR, Agrolink.

Os preços diários (preço mais comum) pagos ao produtor mostram uma variação entre as diferentes praças do estado. Em dezembro, alcançaram R\$40,00/sc, enquanto em janeiro os máximos atingiram R\$44,00/sc em algumas praças, com média mensal de R\$40,56/sc (Figura 1). No início de fevereiro, na maioria das praças do estado os preços estavam entre R\$ 43,00 e R\$ 44,00/sc de 60kg. Entre 07 e 12 de fevereiro apresentou recuo para R\$42,00/sc (Figura 2). O movimento de alta dos últimos cinco meses apresenta

¹ <http://comexstat.mdic.gov.br>

sinais de perda de força. Compradores esperam que a colheita avance mais no Sul do país. Os produtores apostam em preços melhores. Mesmo assim, os preços permanecem fortalecidos em plena colheita da primeira safra. O estoque interno em baixa no Brasil, é um dos principais fundamentos de sustentação dos preços no momento.



Safra 2019/20

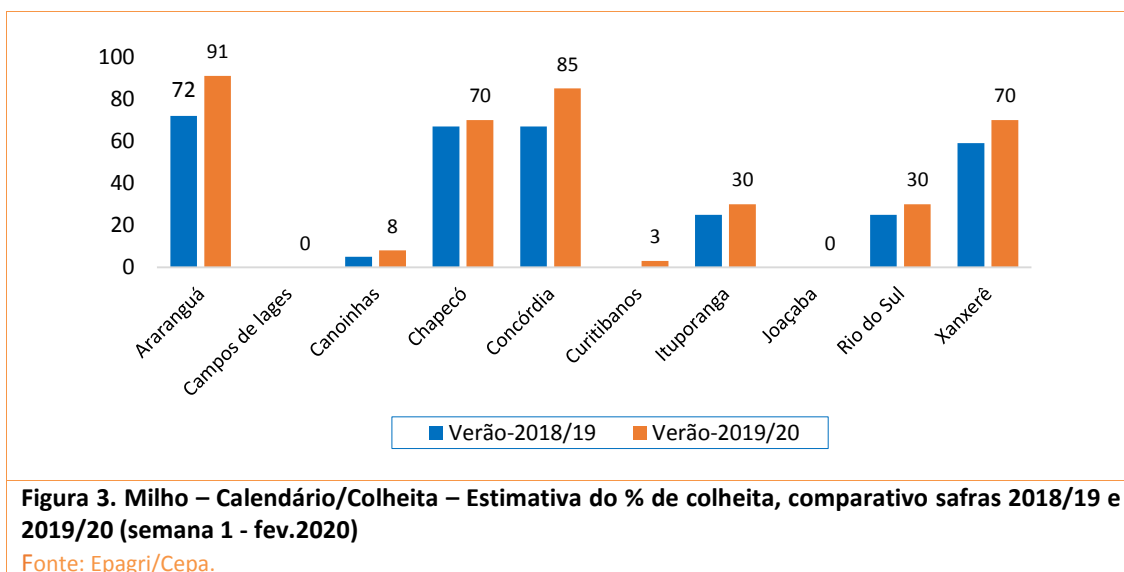
A última estimativa para safra 2019/20 (janeiro 2020) indica uma área cultivada de 324.482 hectares na primeira safra (Tabela 1) e 16.239 hectares na segunda safra. A produtividade aponta recuo de 1,8% em relação à estimativa inicial e de 2,4% na produção total. A expectativa é que a produção do estado seja de 2,6 milhões de toneladas (primeira safra). Nesta atualização, já estão estimadas as perdas iniciais levantadas em função da estiagem de janeiro. As regiões que apresentaram estimativa maior da redução de produtividade foram: Curitibanos (-20%) e Joaçaba (-2,7%). A região Campos de Lages também sofreu estiagem no período, com intensidade semelhante a Curitibanos, com as perdas em torno de 20% ou superior, porém ainda não computadas neste relatório. As informações estão sendo levantados. O Boletim de março apresentará dados mais atualizadas por microrregião. A região de São Miguel do Oeste apresentou redução na produção total em função de ajustes nas áreas de cultivo. As regiões de Chapecó e Xanxerê não registraram quedas significativas em função da estiagem.

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativa inicial da safra 2019/2020 (set. 2019) e comparativo com a estimativa atual (janeiro 2020)

MRG	Estimativa Inicial (set./2019)			Estimativa atual (jan. 2020)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Rend. médio (kg/ha)	Quant. produzida (t)	Área plantada (ha)	Rend. médio (kg/ha)	Quantidade produzida (t)	Área plantada	Rend. médio	Quant. prod.
Araranguá	7.630	6.765	51.618	7.724	6.488	50.114	1,2	-4,1	-2,9
Blumenau	1.890	4.648	8.785	1.890	4.648	8.785	0,0	0,0	0,0
Campos de Lages	31.760	8.017	254.618	32.600	7.925	258.350	2,6	-1,1	1,5
Canoinhas	26.640	9.305	247.874	29.900	8.848	264.570	12,2	-4,9	6,7
Chapecó	46.291	8.156	377.565	44.406	8.646	383.954	-4,1	6,0	1,7
Concórdia	23.650	7.308	172.827	23.050	7.272	167.618	-2,5	-0,5	-3,0
Criciúma	7.085	6.895	48.849	7.060	6.649	46.941	-0,4	-3,6	-3,9
Curitibanos	25.835	9.916	256.188	26.065	7.851	204.647	0,9	-20,8	-20,1
Florianópolis	11	3.182	35	11	3.182	35	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	10.400	6.906	71.820	10960	6.826	74.808	5,4	-1,2	4,2
Joaçaba	57.895	8.630	499.638	57.895	8.400	486.330	0,0	-2,7	-2,7
Joinville	390	5.203	2.029	460	5.389	2.479	17,9	3,6	22,2
Rio do Sul	19.500	6.860	133.770	19320	6.837	132.086	-0,9	-0,3	-1,3
São Bento do Sul	3.600	8.292	29.850	3.600	8.208	29.550	0,0	-1,0	-1,0
São Miguel do Oeste	31.753	8.024	254.784	28.214	8.270	233.327	-11,1	3,1	-8,4
Tabuleiro	2.381	6.430	15.310	2.381	5.412	12.886	0,0	-15,8	-15,8
Tijucas	1.680	5.012	8.420	1.680	4.512	7.580	0,0	-10,0	-10,0
Tubarão	4.802	6.252	30.020	4.976	6.150	30.604	3,6	-1,6	1,9
Xanxerê	22.990	10.257	235.802	22.290	10.833	241.462	-3,0	5,6	2,4
Total Geral	326.183	8.277	2.699.802	324.482	8.124	2.636.127	-0,5	-1,8	-2,4

Fonte: Epagri/Cepa.

Quanto ao ritmo de colheita, se observa que, na região Oeste (Chapecó, Concórdia e Xanxerê), o percentual de colheita alcança de 70-85%, registro da primeira semana de fevereiro 2020. Na região de Araranguá, que também reflete a colheita em outras regiões, como Criciúma e Tubarão, a colheita está sendo finalizada no período. Nas regiões do Planalto, Canoinhas, Mafra, Curitibanos e em parte da Região de Joaçaba a colheita está na fase inicial no início de fevereiro 2020 (Figura 4), alcançando de 3-8%. A colheita, de modo geral ocorre em período antecipado em relação à safra anterior, em virtude da estiagem, que antecipa a fase de maturação, bem como os trabalhos de colheita.



No mapa (Figura 4) é apresentada precipitação acumulada nas diferentes regiões. Enquanto em algumas regiões choveu apenas 50mm, em outras, os volumes de chuvas ultrapassaram 200mm no mês de janeiro. As poucas chuvas na região do Planalto Sul justificam a diminuição dos rendimentos reportadas no relatório atual.

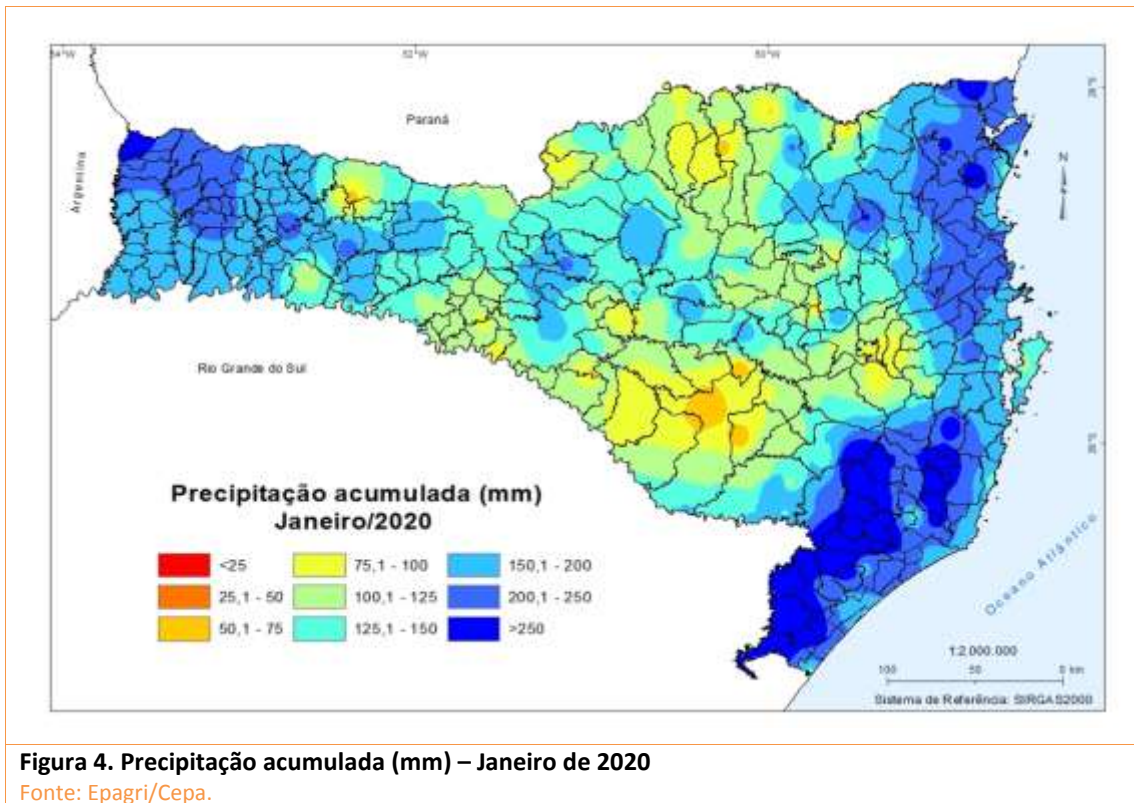


Figura 4. Precipitação acumulada (mm) – Janeiro de 2020

Fonte: Epagri/Cepa.

Importações de milho – Brasil e Santa Catarina

As importações de milho pelo Brasil em 2019 alcançaram 1,46 milhão de toneladas, o segundo maior volume desde 2016, quando ocorreu uma acentuada quebra da safra brasileira. Santa Catarina comprou mais de 600 mil toneladas do total importado em 2019, ou seja, mais de 40% das importações brasileiras. Em 2019, apesar da boa produção do cereal, cerca de 100 milhões de toneladas, as importações foram relativamente altas. Cabe salientar que em 2019 foi exportado o volume recorde de 43 milhões de toneladas. Uma estratégia que pode contribuir para a normalização do mercado brasileiro do milho é a manutenção de maior quantidade do produto no mercado interno, com redução das exportações. De acordo com uma das conclusões do artigo: *“Abastecimento interno de milho: necessidade de um sistema de inteligência para monitorar os estoques”*², a falta deste sistema de inteligência tanto nas empresas consumidoras, em especial aquelas dedicadas à produção de suínos, frangos e ovos, como no governo, contribuiu na duração e agravamento da crise de 2016, podendo causar crise semelhante no médio prazo. Os contratos futuros de compra de milho por cooperativas e agroindústrias tem sido uma boa opção, garantindo rentabilidade ao produtor e suprimento do produto para a manutenção da produção das agroindústrias de suínos e aves do estado. O incentivo para o cultivo de cereais de inverno e a Rota do milho para importação do cereal do Paraguai, se constituem ações importantes de salvaguarda da agroindústria catarinense.

² Abastecimento interno de milho: necessidade de um sistema de inteligência para monitorar os estoques. IN: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1064107/1/final8384.pdf>

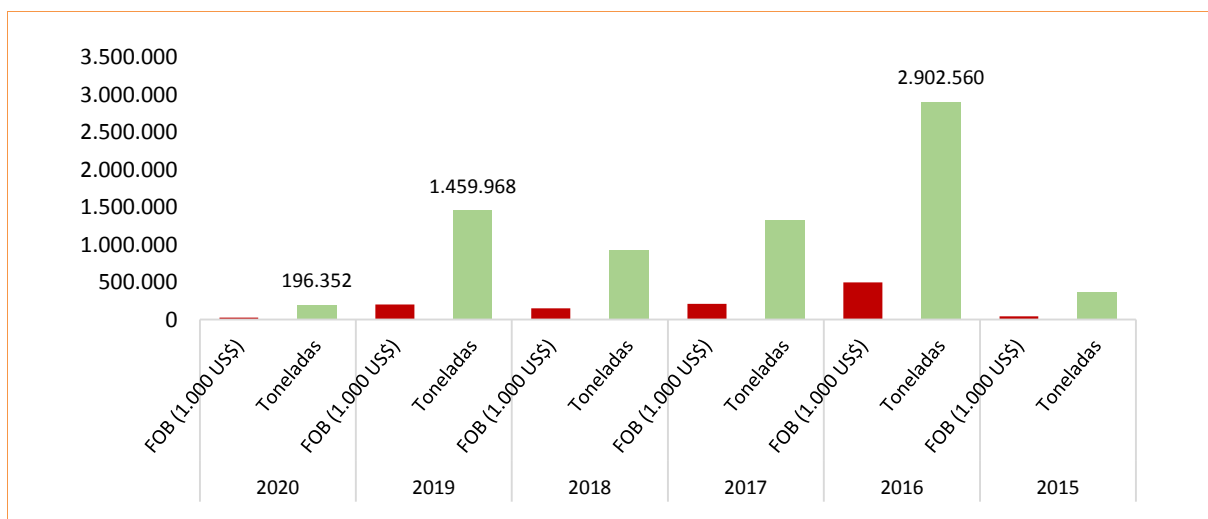


Figura 5. Milho – Importações de milho de 2015 a 2020 – em toneladas e valor FOB (1.000 US\$)

Fonte: Comexstat.2020

Produção nacional³

Milho primeira safra: influenciada pelas boas cotações do cereal, a área semeada apresentou crescimento de 3,4%, totalizando 4,25 milhões de hectares, com produção estimada em 26,1 milhões de toneladas, 1,6% superior a 2018/19.

Milho segunda safra: a semeadura iniciada em janeiro está ocorrendo de acordo com o avanço da colheita da soja. Há expectativa de incremento expressivo na área, tendo em vista sua rentabilidade atual e as condições climáticas favoráveis. A produção total do milho primeira e segunda safras é estimada em 100,5 milhões de toneladas, 0,4% acima da safra passada.

Estoques

A CONAB atualizou os estoques no último relatório, de 10,3 milhões de toneladas em dezembro de 2019 para 8,4 milhões de toneladas em fevereiro de 2020. No cenário atual, isso representa os menores estoques desde a safra 2016/17, fator que fundamenta os preços internos do milho, que tendem a continuar firmes e em patamares elevados.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.5 - Quinto levantamento, fevereiro 2020.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços apresentaram um pequeno recuo em janeiro, 0,06% inferior ao mês anterior e, frente ao mesmo mês da safra passada (janeiro de 2019), registrou alta de 8,1%. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante. No Mato Grosso teve um queda mais acentuada -3,8%, em função da colheita naquele estado. Os fatores que influenciaram os preços em janeiro e início de fevereiro foram:

- A produção de soja dos EUA foi projetada em 96,8 milhões de toneladas⁴, volume 19% menor que a safra anterior, reflexo da menor área plantada e, principalmente, da menor produtividade. Este valor representa em torno de 20 milhões de toneladas a menos;
- o surto do coronavírus na China impacta o mercado internacional, refletindo nos preços da commodities em janeiro 2020. A expectativa é quanto tempo se levará para estabilizar e controlar da expansão da doença;
- apesar disso, os preços diários em fevereiro iniciaram com R\$78,00 sc de 60Kg (03/02/2020), registrou uma recuperação em 14 de fevereiro, alcançando o patamar de R\$80,00 (praça Chapecó). Rompendo assim uma possível reação de baixa em função da crise na China;
- o dólar valorizado no início de fevereiro 2020 (acima de R\$4,30) garantiu sustentação dos preços.

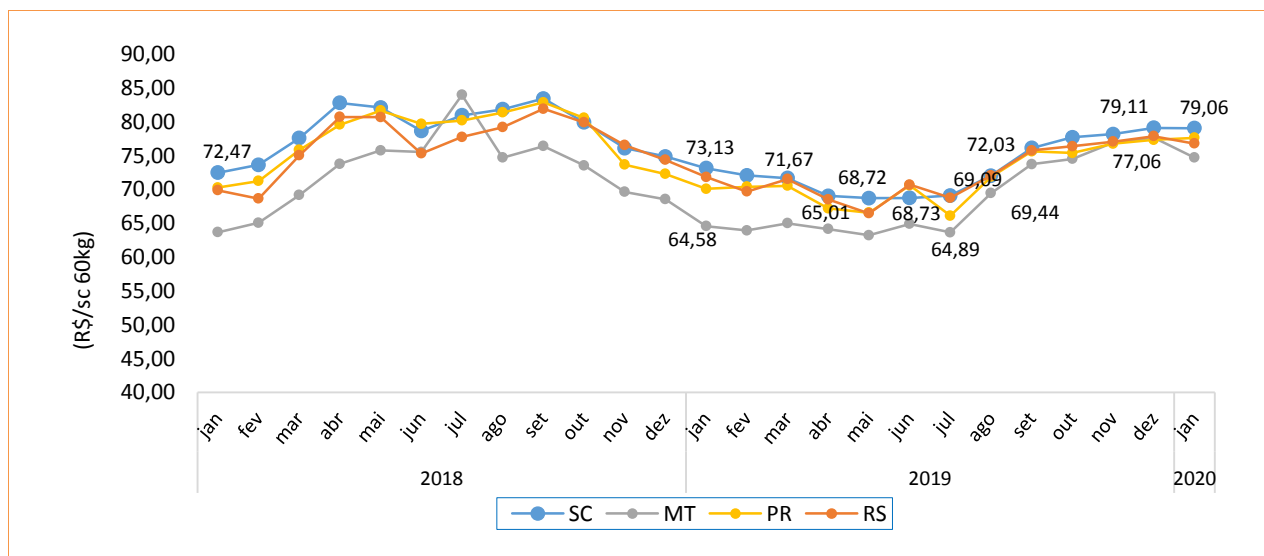


Figura 1. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor– Janeiro/2018 a Janeiro/2020

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

⁴ USDA. 6º levantamento. Janeiro de 2020.

Acompanhamento da SAFRA 2019/20

A estimativa atual para a safra 2019/20 apresenta um aumento da área em 2,41% em relação a safra 2018/19. Assim, o prognóstico atual da área cultivada é de 685.080 hectares. As regiões que apresentam aumento de área são: Campos de Lages, Canoinhas, São Bento do Sul, Ituporanga e Rio do Sul. As regiões de Araranguá e Tubarão registram cultivos nesta safra. A região de Criciúma apresenta um aumento significativo de área, com mais de 4 mil hectares. O cultivo da soja no sul do Estado avança sobre áreas antes ocupadas com feijão, milho e arroz. A produção total esperada é de 2,4 milhões de toneladas – 1,6% inferior a estimativa atual, com reflexo da estiagem de janeiro de 2020.

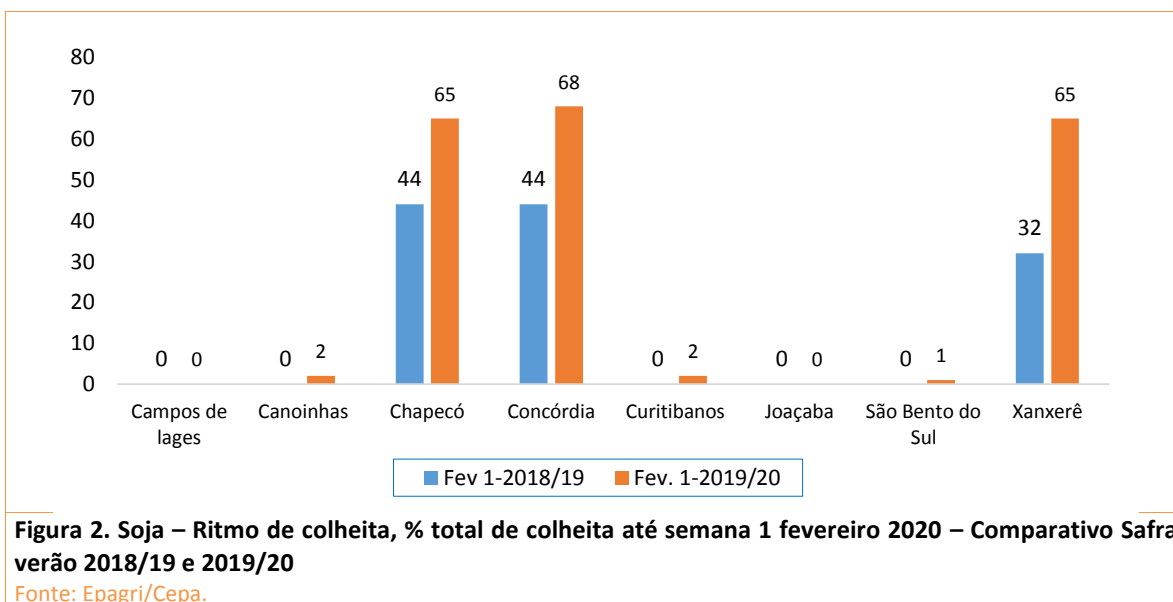
Tabela 1. Soja: comparativo entre estimativa inicial e atual (janeiro de 2020), safra 2019/20

MRG	Safra 2019/20 (estimativa inicial)			Safra 2019/20 (estimativa jan./2020)			Variação %		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Quant.	Produt.
Araranguá	530	3.200	1696	530	3.200	1.696	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	59.490	3.621	215.392	62.740	3.625	227.422	5,46	0,12	5,59
Canoinhas	130.100	3.769	490.290	135.500	3.795	514.230	4,15	0,70	4,88
Chapecó	92.300	3.001	276.990	93.585	3.300	308.792	1,39	9,95	11,48
Concórdia	6.575	3.450	22.685	6.180	3.762	23.248	-6,01	9,03	2,48
Criciúma	4.260	3.492	14.874	4.260	3.495	14.888	0,00	0,10	0,10
Curitibanos	109.630	4.146	454.497	109.630	3.680	403.457	0,00	-11,23	-11,23
Ituporanga	7.550	3.809	28.755	7.930	3.591	28.478	5,03	-5,71	-0,96
Joaçaba	59.830	3.799	227.307	59.830	3.663	219.147	0,00	-3,59	-3,59
Rio do Sul	5.200	3.929	20.433	5.355	3.693	19.777	2,98	-6,01	-3,21
São Bento do Sul	10.800	3.333	36.000	11.100	3.511	38.970	2,78	5,32	8,25
São Miguel do Oeste	41.143	3.389	139.433	38.210	3.434	131.218	-7,13	1,33	-5,89
Tubarão	400	3.200	1280	400	3.200	1.280	0,00	0,00	0,00
Xanxerê	149.580	3.424	512.226	149.830	3.320	497.490	0,17	-3,04	-2,88
Total geral	677.388	3.605	2.441.858	685.080	3.547	2.430.094	1,14	-1,60	-0,48

Fonte: Epagri/Cepa. Janeiro, 2020.

Acompanhamento da Safra

A colheita da safra apresenta números distintos entre as regiões. No Oeste, Chapecó, Concórdia e Xanxerê, o percentual de colheita já alcançava de 65-68% da área cultivada na primeira semana de 2020. Enquanto as demais regiões apresenta números iniciais de colheita, Canoinhas e Curitibanos (2% da área colhida). Na região de Campos de Lages, com calendário mais tardio, ainda não há registro de colheita. O calendário de plantio é distinto entre as regiões em função da altitude/clima. Enquanto que nas regiões do Oeste o plantio é realizado em setembro e início de outubro, nas regiões mais altas é realizada no final de outubro e início de novembro. Nesta safra, a colheita está com ritmo mais avançado em função dos períodos de estiagem, que antecipa o ciclo (maturação) e permite que os trabalhos de colheita tenham maior continuidade.



Safra 2019/20

Brasil: a cultura vem mantendo a tendência de crescimento na área cultivada e, nesta safra, a estimativa aponta para crescimento de 7,1% em relação ao ciclo passado, produzindo 123,2 milhões de toneladas. Em relação ao relatório de fevereiro, a estimativa é superior a um milhão de toneladas, em especial pelos bons resultados da colheita no Mato Grosso⁵.

Estados Unidos: No relatório de janeiro/2020. O USDA⁶ estima safra americana 2019/20 em 96,84 milhões de toneladas, contra 117 milhões da safra 2018/19, recuo superior a 17%.

⁵ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.5 - Quinto levantamento, fevereiro 2020.

⁶ United States Department of Agriculture Foreign Agricultural Service Approved by the World Agricultural Outlook Board/USDA January 2020.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em janeiro, os preços do trigo tiveram em alta. Os produtores catarinenses receberam, em média, R\$45,04/sc de 60kg, contra R\$44,23 recebidos em dezembro, incremento de 1,83%. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os produtores estão recebendo cerca de 3,0% a mais. No Paraná, os preços pagos aos produtores também subiram, com alta de 1,94% no mês, e no Rio Grande do Sul, alta de 2,83%. Normalmente, nos períodos de entressafra os preços do trigo grão tendem a subir.

Apesar desta alta, no Rio Grande do Sul os preços praticados neste período são os mais baixos, o que provocou um aquecimento no mercado do trigo balcão (compra direto do produtor). É importante lembrar que, com o início das operações de colheita das safras de verão (milho e soja), existe a necessidade de liberação de espaço nos silos e armazéns para o recebimento destas produções, o que provoca a necessidade de disponibilizar os estoques de trigo para comercialização, mesmo a preços não tão competitivos.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – Safra 2019/2020 – R\$/sc de 60kg

Estado	Jan./20	Dez./19	Varição mensal (%)	Jan./19	Varição anual (%)
Santa Catarina	45,04	44,23	1,83	43,77	2,9
Paraná	48,38	47,46	1,94	47,23	2,4
Rio Grande do Sul	41,45	40,31	2,83	40,87	1,4
Mato Grosso do Sul	47,02	45,00	4,49	38,48	22,2

Nota: Trigo pão PH78.

Fonte: Conab (SC, RS e MS), SEAB/Deral (PR). Janeiro, 2020.

O trigo é um dos principais itens da pauta brasileira de importações. A demanda variou entre 11 e 12 milhões de toneladas nos últimos três anos. A Argentina vem se consolidando como o principal parceiro comercial do Brasil no fornecimento de trigo grão e farinha de trigo e derivados. Em 2019, cerca de 83,5% do trigo importado teve como origem aquele país. Segundo dados do Ministério da Economia (ME), em 2019 as importações brasileiras chegaram a 6,5 milhões de toneladas, contra 7,2 milhões de toneladas importados em 2018, redução de 9,7%.

Em relação à tendência para a safra 2020/21, alguns aspectos devem ser considerados. O trigo é um *commodity* com cotações fortemente influenciadas pelo câmbio. Num cenário de manutenção do dólar acima de R\$4,00, produtos como soja e milho passam a ser mais atrativos aos produtores. Com o mercado do milho em alta, a segunda safra (milho safrinha) poderá ter sua área ampliada, o que comprometerá a disponibilidade de áreas para o plantio de trigo, no inverno. Por outro lado, caso ocorra atraso no plantio da safrinha de milho, em função de condições climáticas desfavoráveis, a situação poderá ser normal para a intenção de plantio do trigo em todo país.

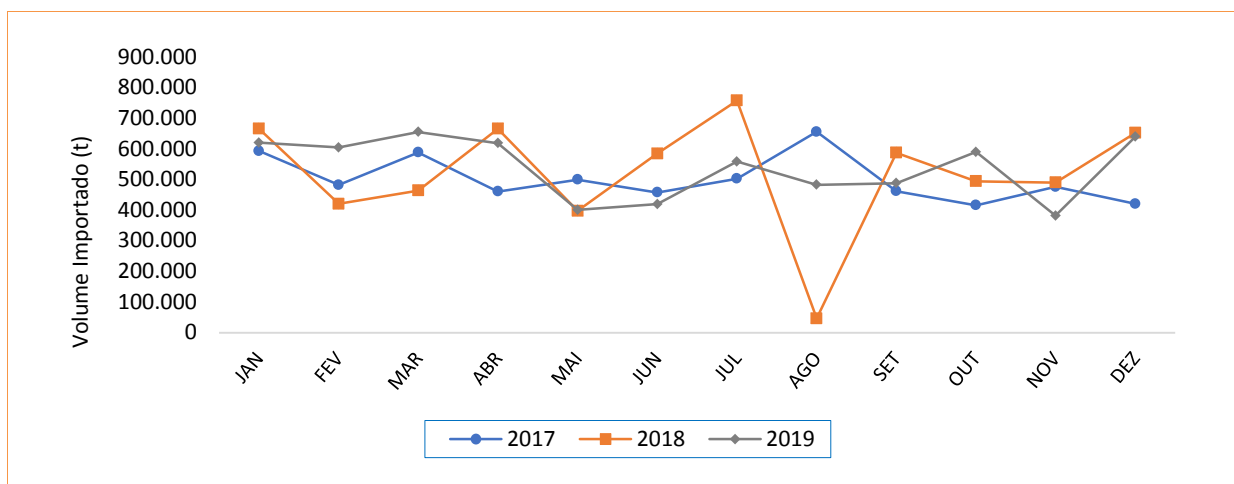


Figura 1. Trigo – Brasil: evolução das importações – 2017 a 2019

Fonte: Comex Stat/ME.

Safra

Com a safra 2019/2020 de trigo encerrada em Santa Catarina, os dados finais estão sendo apurados para avaliação. Janeiro é o penúltimo mês de levantamento de área plantada, produção e rendimento médio das lavouras de inverno. Assim, até esta data as estimativas apontam para o cultivo de cerca 50,7 mil hectares, o que representa uma redução de 6% em relação à safra passada. Quanto a produtividade média, foi uma safra com colheita de produto de boa qualidade de grão, tudo indica que deverá ficar em 3.011g/ha, incremento de 1,0%. Em se confirmando esses números, a safra 2019/20 deverá fechar com uma produção estadual de 154,5 mil toneladas, representando uma redução de 5,0% em relação à safra 2018/19. O mesmo percentual de redução de 5% foi observado na safra nacional de trigo, cuja produção passou de 5,43 para 5,15 milhões de toneladas.

Tabela 2. Trigo Grão – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2018/2019 e a estimativa atual da safra 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019			Estimativa atual Safra 2019/2020			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	330	703	2.130	924	2158	2.336	180	207	10
Canoinhas	10.850	33.235	3.063	9.500	35.419	3.728	-12	7	22
Chapecó	12.527	33.314	2.659	11.534	34.233	2.968	-8	3	12
Concórdia	1.330	3.942	2.964	690	1.920	2.783	-48	-51	-6
Curitibanos	7.500	28.026	3.737	7.301	23.268	3.187	-3	-17	-15
Ituporanga	765	1.938	2.533	840	2.034	2.421	10	5	-4
Joaçaba	3.131	9.285	2.966	3.848	10.939	2.843	23	18	-4
Rio do Sul	190	492	2.589	200	485	2.425	5	-1	-6
São Bento do Sul	250	659	2.636	500	1.710	3.420	100	159	30
São M. do Oeste	2.956	9.224	3.120	3.748	8.100	2.161	27	-12	-31
Xanxerê	14.100	41.583	2.949	11.650	34.309	2.945	-17	-17	0
Santa Catarina	53.929	162.401	3.011	50.735	154.575	3.047	-6	-5	1

Fonte: Epagri/Cepa. Janeiro, 2020.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Conjuntura favorável para os produtores de alho em Santa Catarina. A renovação da tarifa antidumping em 2019, a boa safra 2019/20 e o mercado aquecido deixam os produtores de alho satisfeitos.

Após duas safras consecutivas de resultados frustrantes para os produtores de alho em Santa Catarina, a safra 2019/20, até o momento, mostra uma recuperação de parte das perdas anteriores. Contribuiu positivamente para esta situação a renovação da taxa *antidumping* sobre as importações do produto chinês. O Governo Federal, através da Portaria nº 4.593/2019, de 03 de outubro, oficializou a prorrogação por mais cinco anos da tarifa *antidumping* sobre o alho importado da China, independente da classificação.

A tarifa *antidumping* é aplicada pelo Brasil desde 1996, com o objetivo de proteger a horticultura brasileira da concorrência desleal. Em face da já comprovada prática de *dumping* pela China, o Brasil taxa o alho chinês importado em US\$0,78/kg.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade da cidade de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado, no final de dezembro, a R\$15,09/kg, mantendo-se neste patamar em janeiro, alcançando R\$16,29/kg no início de fevereiro. O alho classe 6, no mesmo período, foi de R\$17,14/kg para R\$18,99/Kg, e o alho classe 7 iniciou fevereiro a R\$21,05/Kg.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no atacado o alho nobre nacional, classes 4 e 5, se manteve no patamar de R\$12,00/kg em janeiro, permanecendo neste patamar nas primeiras semanas de fevereiro.

O alho classes 6 e 7 fechou o mês de dezembro a R\$14,00/kg, valor que se manteve em janeiro, passando para R\$16,50/Kg neste início de fevereiro, crescimento de 15,15% no período.

Informações de campo apuradas pela Epagri/Cepa indicam que os produtores catarinenses estão recebendo de R\$5,50/kg a R\$6,50/Kg acima da classe do alho. Isto significa que o alho classe 4 está sendo comercializado entre R\$9,50/Kg e R\$10,50/Kg, e assim por diante.

Produção

A safra catarinense de alho já foi toda colhida, sendo preparada para comercialização. A qualidade comercial da safra não correspondeu totalmente às expectativas do período de desenvolvimento e maturação das lavouras. A causa possível pode ser a falta de chuvas que levou as plantas sofrerem, em algum grau, stress hídrico, apesar da maioria das propriedades produtoras de alho possuírem estrutura de irrigação. A percentagem de bulbos de menor calibre é um pouco superior à uma safra considerada normal. Por outro lado, o preço maior está compensando esse problema.

A área plantada em Santa Catarina na safra 2019/20 foi de 1.831ha, 24,02% inferior à safra passada (Epagri/Cepa). A redução reflete a decisão dos produtores em decorrência das perdas econômicas que se acumularam nas safras 2017/18 e 2018/19. Ainda é cedo prever, mas é possível que, em função dos resultados econômicos dos produtores nesta safra, ocorra recuperação de parte da área na próxima safra.

Comércio exterior

Em janeiro, a Argentina foi a maior fornecedora de alho para o Brasil, em decorrência da continuidade do período da comercialização da nova safra naquele país.

A importação de alho em dezembro foi de 19,19 mil toneladas, crescimento de 108,58% em relação a novembro (Tabela 1).

Em 2019, o total de alho importado pelo Brasil foi de 165,45 mil toneladas, média mensal de 13,78 mil toneladas, números muito semelhantes aos de 2018, cuja importação mensal média foi de 13,70 mil toneladas. Como pode ser visto na tabela abaixo, as importações brasileiras de alho nos últimos 4 anos não foram muito diferentes.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de 2016 a 2019(mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20,43

Fonte: Comexstat/ME: fevereiro/2020.

O preço médio do alho importado (FOB), que em novembro já havia interrompido a redução ocorrida nos meses anteriores, teve em dezembro importante recuperação, atingindo o maior valor desde julho de 2017 (Figura 1), refletindo positivamente na melhoria de preços ao produtor.

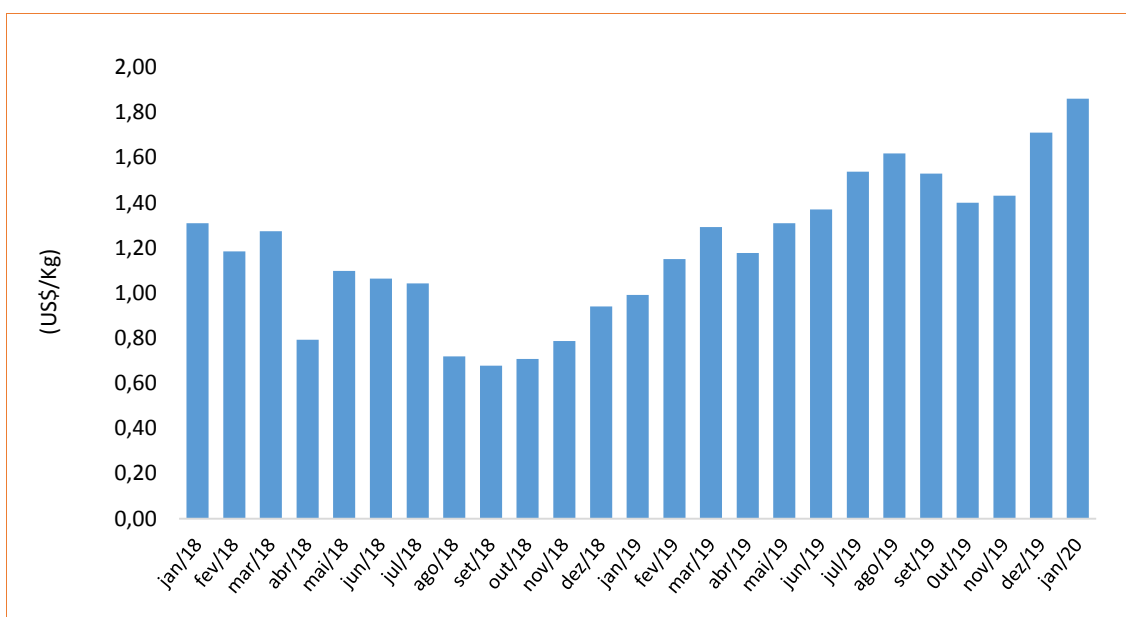


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – 2018 – 19 e janeiro/20

Fonte: ComexStat/ME: fevereiro/2020.

Na Figura 2, observa-se a evolução da quantidade de alho (kg) internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal (US\$), considerando os períodos de julho a dezembro de 2017, 2018, 2019 e janeiro de 2020.

Como pode ser observado, em janeiro desse ano, temos o maior volume de importação para todo o período com importação de 20,43 mil toneladas a um custo de US\$38,01 milhões.

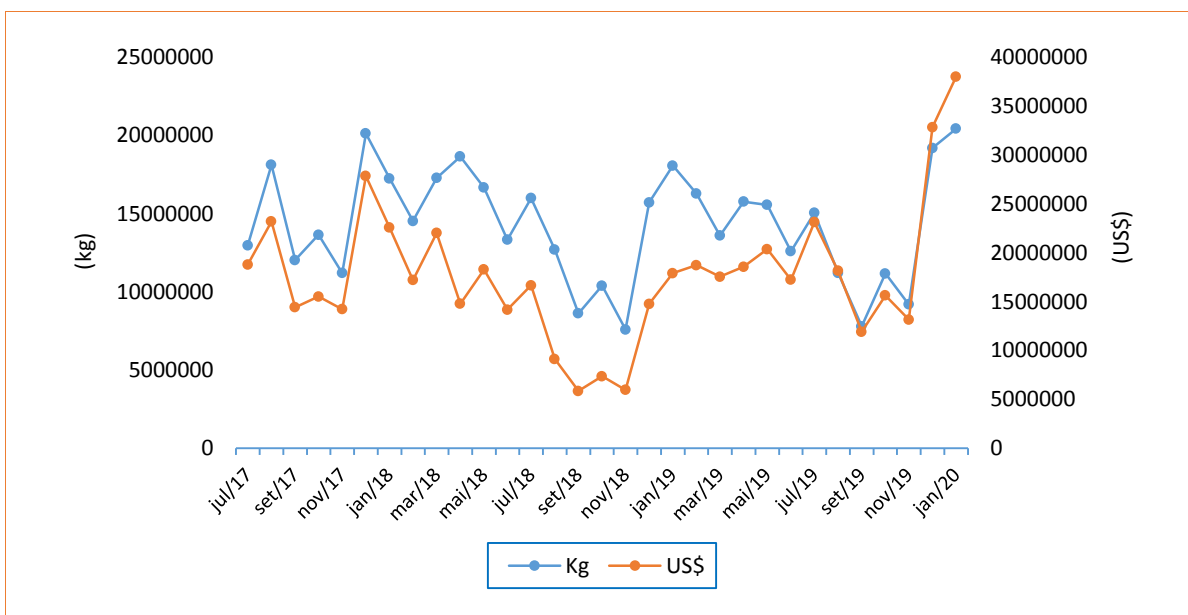


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês: jul. a dez de 2017, 2018, 2019 e jan./2020

Fonte: ComexStat/ME: fevereiro/2019.

O principal fornecedor em janeiro de 2019 foi a Argentina, com 15,49 mil toneladas, representando 75,82% do total importado no mês. A China forneceu 2,47 mil toneladas, ou 12,09%, a Espanha 0,19 mil toneladas, 0,93%, e os demais países forneceram 2,27 mil toneladas, significando 11,11%.

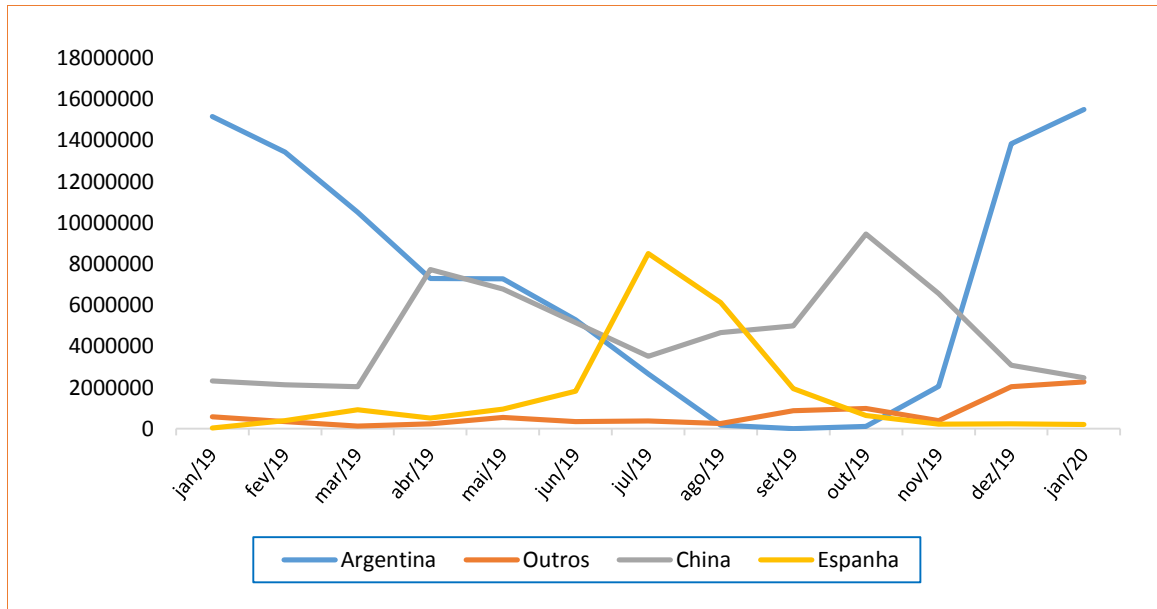


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 e janeiro 2020

Fonte: Comexstat/ME: fevereiro/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A safra sulista é praticamente a única fornecedora de cebola para o mercado nacional, visto que a Região Nordeste tem pequena oferta neste período. A safra catarinense segue em ritmo normal para o período em termos de volume escoado, com pequena reação positiva nos preços pagos ao produtor, no início de fevereiro.

Nesse período, os produtores catarinenses, de modo geral, estão buscando escoar o produto de variedades superprecoces ou precoces. A partir do próximo mês, a princípio, são disponibilizadas no mercado as mais tardias, como a crioula e até a Vale Sul, que, mesmo sendo precoce, apresenta características muito positivas para o mercado. Assim, buscam melhor preço na comercialização.

Preço

Durante o mês de janeiro os preços se mantiveram estáveis e em patamares abaixo do custo médio de produção nas diferentes regiões de Santa Catarina. Porém, no início de fevereiro o mercado sinalizou com pequena melhora nos preços pagos aos produtores, puxada pela redução da oferta da safra do Nordeste.

Como divulgado anteriormente, em Santa Catarina a comercialização da safra 2019/20 foi aberta com R\$0,68/kg, baixando para R\$0,60/kg. Estes preços estão bem abaixo das estimativas de custo médio de produção para o estado, que é de R\$0,80/kg a R\$1,00/kg, dependendo da produtividade e da gestão de custos dos produtores.

No início de janeiro houve pequena reação nos preços, atingindo, em alguns casos isolados, até R\$0,90/kg, porém retornado para R\$0,75/kg a R\$0,80/kg, ainda na primeira quinzena.

No final de janeiro e início de fevereiro, em função do final da safra nordestina, o mercado reagiu positivamente no Sul, quando o preço ao produtor alcançou até R\$1,10/kg em alguns casos, dependendo da qualidade do produto.

Na Ceagesp/SP, o bulbo foi comercializado na primeira semana de janeiro a R\$1,61/kg, mantendo sequência de redução nas semanas seguintes, atingindo o menor preço do mês no dia 31, a R\$1,43/kg, redução de 11,18% no período. Na primeira semana de fevereiro, o preço de atacado fechou a R\$1,75/kg, aumento de 22,37% no período.

No mercado de atacado na Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), no mês de janeiro os preços refletiram a grande oferta da hortaliça, em função do período da colheita em Santa Catarina e região Sul do país, se mantendo próximos a R\$1,00/kg.

Safra catarinense

Segundo levantamento da Epagri/Cepa, a safra de cebola em Santa Catarina já foi totalmente colhida, com os produtores administrando a comercialização, de olho no comportamento do mercado para os próximos meses.

Até agora, o retorno econômico da atividade aos produtores não é dos melhores, mesmo com a alta produtividade alcançada em todas as regiões catarinenses. A expectativa é de alguma melhora a partir do próximo mês, quando as variedades de melhor aceitação no mercado serão ofertadas e a região Sul ainda sendo a principal fornecedora no mercado nacional.

Comércio exterior

A Tabela 1 apresenta as exportações brasileiras de cebola de 2016 a 2020. Embora com volume e valores pouco expressivos, os dados são mantidos para ilustrar e apresentar um histórico deste mercado, que eventualmente cumpre um papel importante em determinadas conjunturas do mercado interno e que, de alguma forma, poderá ser explorado pelo setor produtivo. Exemplo típico da importância das exportações ocorreu em 2018 para algumas regiões produtoras de São Paulo, quando foram vendidos volumes importantes para o Paraguai, desafogando o mercado nacional.

Os dados do Siscomex/ME (Tabela 1), referentes a 2019, indicam a exportação de pouco mais de 10,79 mil toneladas, praticamente 50% do volume exportado em 2018. Em janeiro de 2020 as exportações de cebola foram de pouco mais de 4,0 mil toneladas. Um bom começo de ano, visto que representa praticamente 40% do volume exportado no ano passado, embora com preço médio inferior aos anos anteriores.

Tabela 1. Cebola – Brasil: exportações – 2015 a 2018 e janeiro a novembro de 2019			
Ano	Valor – US\$	Quantidade – kg	Valor médio – US\$/kg
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	1.927.916	10.794.201	0,178
2020	507.099	4.083.744	0,124

Fonte: Comexstat/ME – fevereiro/2020.

Em janeiro foram importadas apenas 58,9 toneladas de cebola, provenientes unicamente da Espanha, redução de 92,37% em relação a dezembro/19, quando foram importadas 0,77 mil toneladas, 7% do volume importado naquele mês (Figura 1).

Em janeiro, o preço médio (FOB) foi de US\$0,711/kg, enquanto em dezembro o preço foi de US\$0,433/kg, aumento 64% no período.

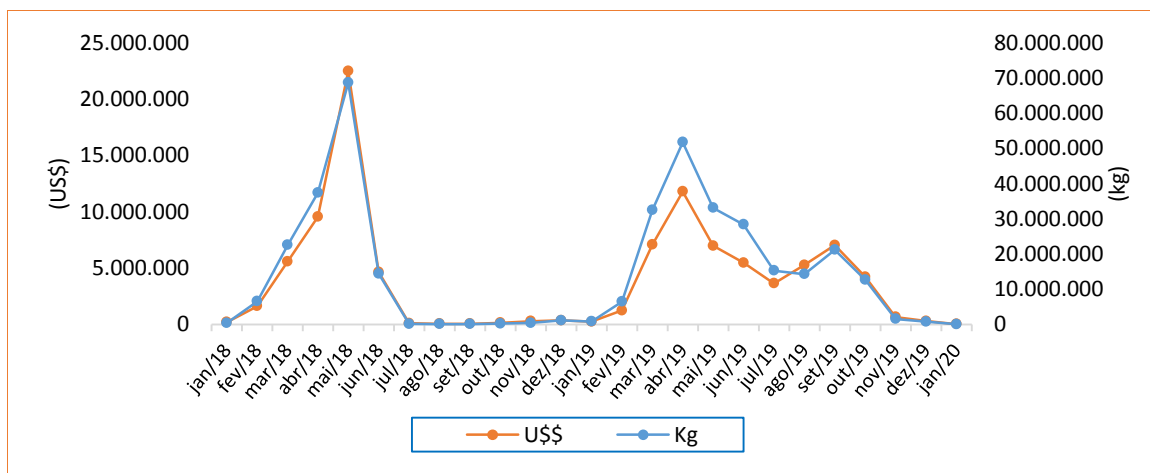


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2019 e janeiro 2020

Fonte: Comexstat/ME – fevereiro/2020.

Para efeitos de comparação, em 2019, segundo dados do Siscomex/ME, a importação de cebola pelo Brasil foi de 211,52 mil toneladas, a um custo total de US\$52,47 milhões e custo médio de US\$0,25/kg, com volume médio mensal de 17,62 mil toneladas.

O principal fornecedor do Brasil foi a Argentina, com 150,52 mil toneladas, ou 73,37% do total, seguida pela Holanda, com 33,96 mil toneladas, significando 16,05%, e Chile, com 11,73 mil toneladas, ou 5,54% do total.

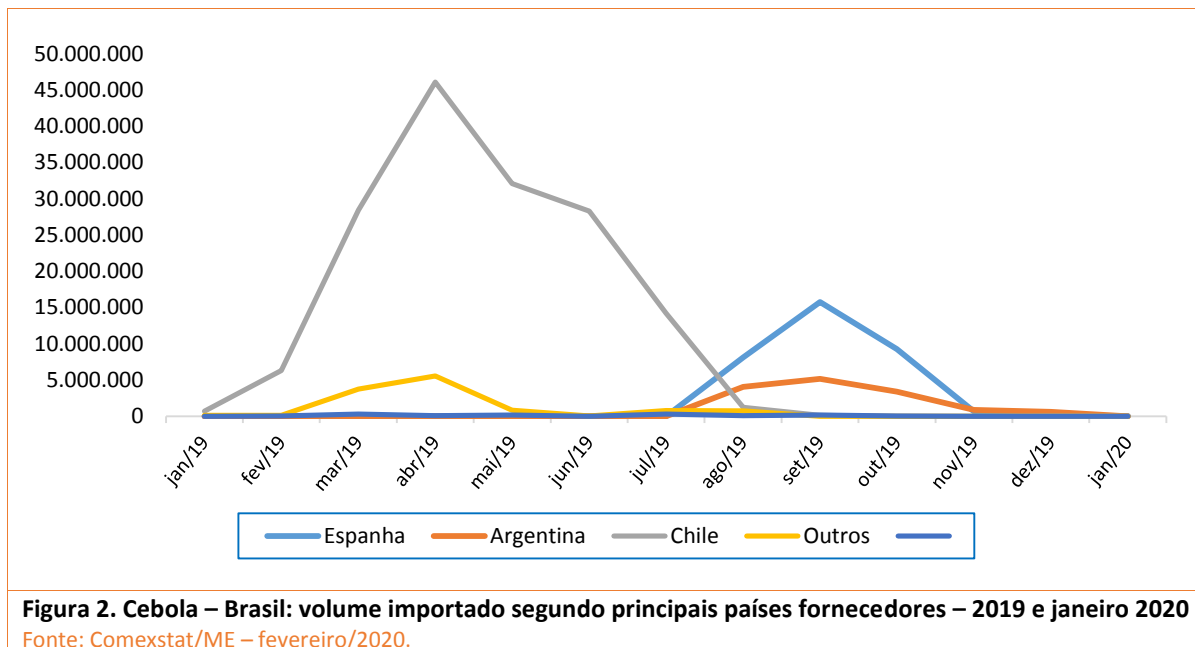


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo principais países fornecedores – 2019 e janeiro 2020
Fonte: Comexstat/ME – fevereiro/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de fevereiro, o preço do frango vivo apresentou comportamentos distintos em alguns dos principais estados produtores. No Paraná, o preço preliminar do mês corrente caiu 4,5% em relação a janeiro, enquanto em São Paulo registrou-se alta de 5,4% no mesmo período. Santa Catarina registrou alta de 4,5% em relação a dezembro de 2019.

Na comparação com os preços praticados em fevereiro de 2019, também se verificam situações distintas nos estados analisados: Paraná e Santa Catarina registram altas de 15,8% e 1,6%, respectivamente, enquanto São Paulo apresenta queda de 3,9%. É importante destacar que, em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,2%, de acordo com o IPCA/IBGE.

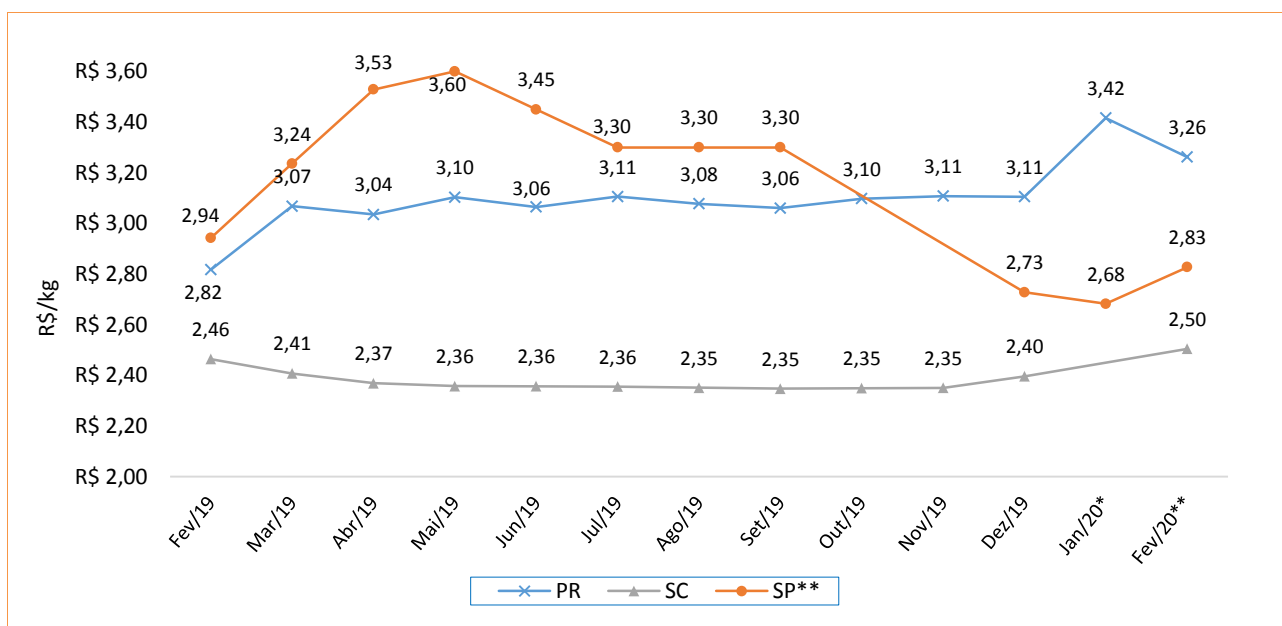


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal pago aos avicultores

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Todas as três praças de levantamento de preços em Santa Catarina registraram variações positivas nas duas primeiras semanas de fevereiro em relação a dezembro. A maior alta foi registrada em Chapecó (4,9%), seguida pelo Sul Catarinense (4,4%) e por Joaçaba (4,3%).

Apesar dessas recentes altas, os preços atuais ainda estão defasados em relação àqueles praticados em fevereiro de 2019 em Chapecó (-1,0%) e no Sul Catarinense (-1,7%). Somente Joaçaba apresenta variação positiva no período (8,3%).

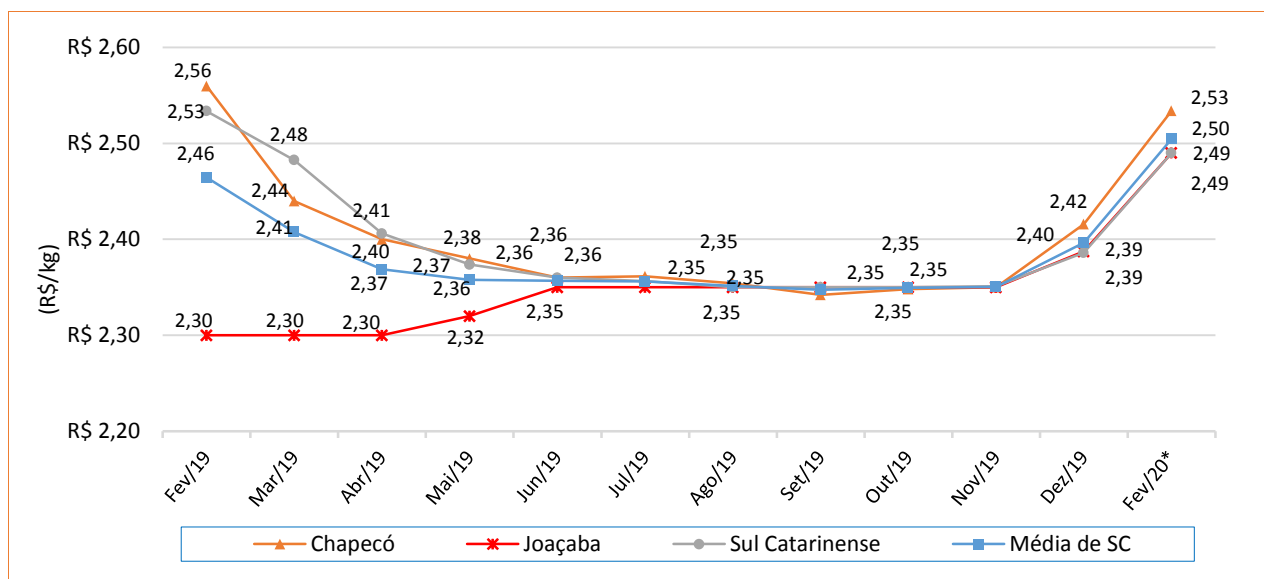


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas praças de referência e média de SC

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois das altas significativas observadas no último bimestre de 2019, nas primeiras semanas de fevereiro registrou-se predominância de variações negativas no mercado atacadista. Todos os quatro cortes incluídos no levantamento da Epagri/Cepa registraram quedas em relação aos preços de dezembro: coxa/sobrecoxa congelada (-13,3%), peito com osso congelado (-6,6%), filé de peito congelado (-4,8%) e frango inteiro congelado (-0,1%). A variação média dos quatro cortes foi de -6,2%.

Esse movimento de queda já era esperado, já que no primeiro bimestre do ano normalmente se observa redução no consumo de proteínas de origem animal. Além disso, as altas de novembro e dezembro foram, em grande parte, provocadas pelo movimento de substituição da carne bovina por opções mais econômicas, como a carne de frango. Com a relativa acomodação dos preços da carne bovina no início de 2020, parte dos consumidores volta a adquiri-la com mais frequência.

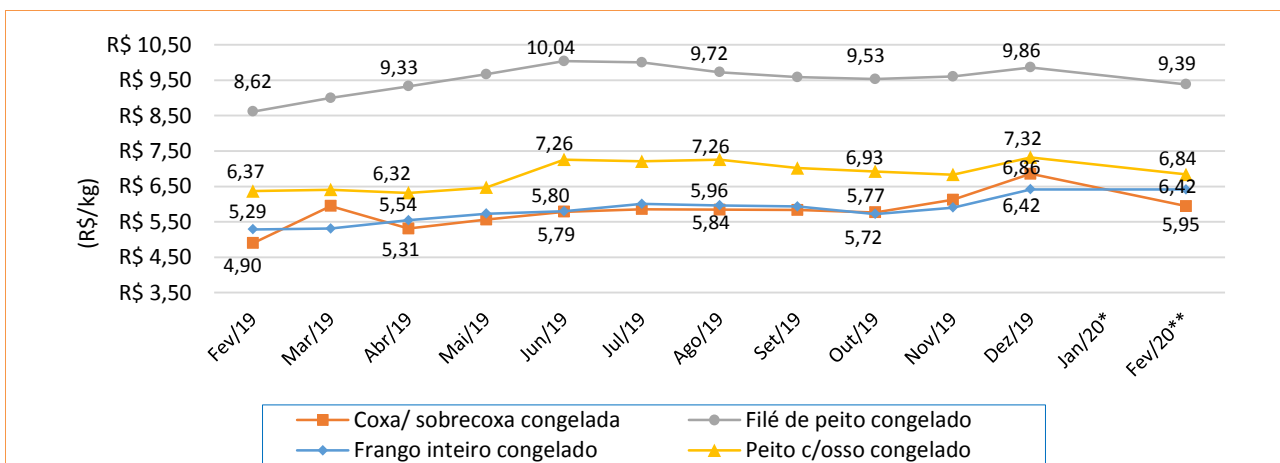


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de fevereiro e o mesmo mês de 2019, verificam-se altas expressivas em todos os cortes: coxa/sobrecoxa congelada (21,3%), frango inteiro congelado (21,3%), filé de peito congelado (8,9%) e peito com osso congelado (7,4%). A variação média dos quatro cortes nesse período foi de 14,7%.

Segundo análise do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-Esalq/USP), mesmo perante a estimativa de aumento na produção, a expectativa é de que as cotações atingidas no final do ano passado se sustentem, já que a demanda por carne de frango deve seguir firme em 2020. No mercado externo, espera-se que a China amplie ainda mais suas compras, como veremos adiante. Em relação ao mercado interno, o Cepea aposta no aumento do consumo de carne de frango decorrente de uma eventual recuperação econômica e da alta nos preços das principais carnes concorrentes, bovina e suína.

Além disso, algumas agroindústrias têm sinalizado um possível aumento nos preços ao consumidor nos primeiros meses deste ano, como forma de compensar a elevação nos custos de produção observado ao longo dos últimos meses.

Custos

Em janeiro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 0,8% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 6,9%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com nutrição (5,2%), seguido pelo custo com mão de obra (0,6%) e pintos de um dia (0,4%).

O valor preliminar da relação de equivalência insumo-produto⁷ nas duas primeiras semanas de fevereiro demonstra uma pequena variação negativa (-0,4%), interrompendo o movimento de alta que era observado desde outubro do ano passado. Esse resultado é decorrente da alta no preço do frango vivo na praça de Chapecó (4,9%), um pouco superior à elevação do preço do milho na mesma praça (4,4%). O valor atual está 18,3% acima daquele registrado em fevereiro de 2019.

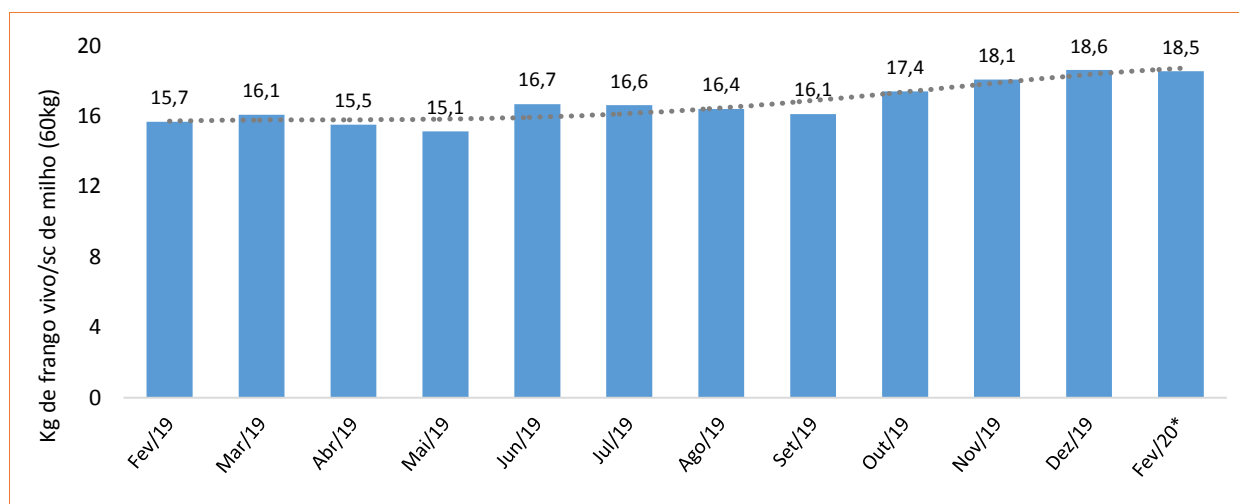


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir uma saca de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

⁷ A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60 kg de milho.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **317,10 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **16,8%** menor que no mês anterior, mas crescimento de **15,6%** em relação a janeiro de 2019.

O faturamento com as exportações de carne de frango em janeiro foi de **US\$ 522 milhões**, queda de **16,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **17,0%** na comparação com janeiro de 2019.

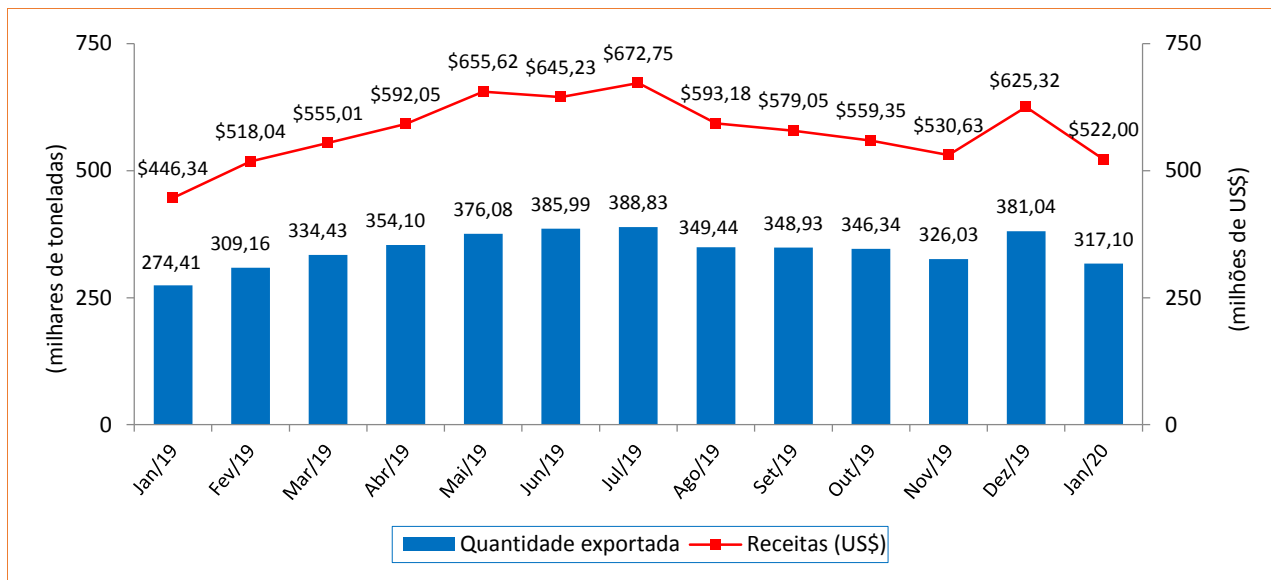


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no mês passado foram China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 58,1% das receitas no período.

Conforme os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de fevereiro (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou alta significativa em relação ao mês anterior: 56,3% em valor e 64,0% em quantidade. Na comparação com fevereiro de 2019, as variações também são expressivas: 49,9% em valor e 55,4% em quantidade. Contudo, é necessário cautela ao levar em consideração tais números, pois os resultados das primeiras semanas normalmente trazem embutidos valores não contabilizados no mês anterior. À medida que o mês avança, esses montantes adicionais são diluídos. Outro fator que deve ser levado em consideração é que, não obstante estarmos num ano bissexto, fevereiro de 2020 tem apenas 18 dias úteis, contra 22 de janeiro e 20 de fevereiro do ano passado.

Em janeiro, Santa Catarina exportou **77,84 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 14,8%** em relação ao mês anterior e de **23,0%** na comparação com janeiro de 2019. Essa foi a menor quantidade exportada pelo estado desde junho de 2018.

As receitas de janeiro foram de **US\$134,47 milhões**, **queda de 15,0%** em relação ao mês anterior e de **21,6%** na comparação com janeiro de 2019.

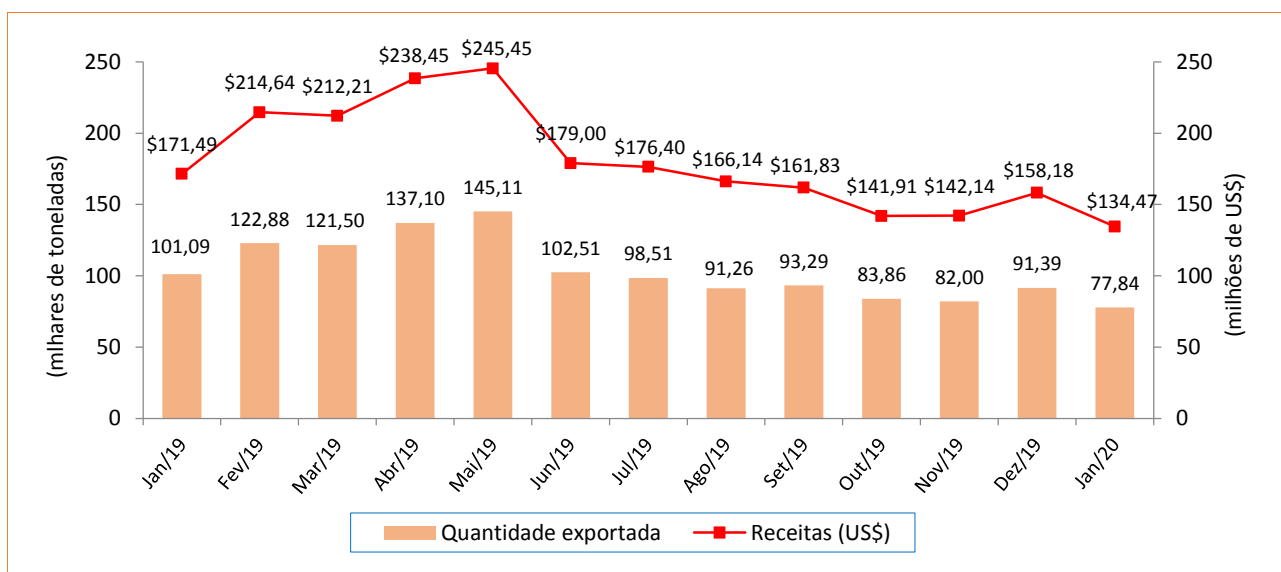


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro foi de **US\$ 1.681,48/tonelada**, **1,6%** acima da média registrada no mesmo mês de 2019 e **0,2%** superior ao valor de dezembro de 2019.

O estado foi responsável por **25,8%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango em janeiro, participação inferior à média do ano passado (31,7%).

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 55,6% do valor e 50,6% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	25.242.670,00	12.480
Japão	24.142.207,00	12.150
Emirados Árabes Unidos	9.214.618,00	5.389
Arábia Saudita	8.231.053,00	4.768
Holanda	7.935.010,00	4.617
Demais países	59.706.895,00	38.436
Total	134.472.453,00	77.840

Fonte: Comex Stat.

A China foi o principal destino do frango catarinense em janeiro, com 12,48 mil toneladas e US\$ 25,24 milhões (18,8% do total). Na comparação com o mesmo mês de 2019, os embarques para o país asiático cresceram 57,1% em valor e 38,9% em quantidade. Contudo, quando se leva em consideração o mês anterior (dezembro/2019), registra-se queda de 16,0% em valor e 14,5% em quantidade.

Com exceção da China, praticamente todos os demais grandes importadores de carne de frango catarinense apresentaram quedas na comparação com janeiro do ano passado, com destaque para os Emirados Árabes Unidos (-51,3% em valor e -51,8% em quantidade), Arábia Saudita (-57,3% e -57,8%), Iraque (-83,1% e -86,0%) e México (-100%).

Segundo informações preliminares obtidas junto a entidades do setor produtivo, parte dessas quedas pode ser explicada pela antecipação de compras em meses anteriores, feitas por alguns países para garantir seus estoques para o período. Com isso, em janeiro a necessidade de aquisições teria sido menor.

Não obstante os resultados ruins de janeiro, segue a expectativa de que as exportações deste ano superem os montantes de 2019, principalmente em função da demanda da China, país severamente afetado pela peste suína africana (PSA) desde agosto de 2018 e que, no início de fevereiro, relatou a detecção de um novo surto do vírus H5N1 (gripe aviária). Em 2019, a China ampliou significativamente sua produção de carne de frango (cerca de 18%, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos EUA - USDA). Com isso, o país supriu parte do déficit de proteínas de origem animal decorrente da PSA. A doença foi detectada numa propriedade rural da província de Hunan, conforme informações do Ministério da Agricultura e dos Assuntos Rurais chinês, resultando na morte de 4,5 mil aves e no abate preventivo de outras 13 mil.

Ainda é cedo para fazer qualquer avaliação mais consistente, mas, a depender da abrangência desse novo surto de gripe aviária, pode se observar efeitos positivos nas exportações brasileiras e catarinenses ao longo deste ano.

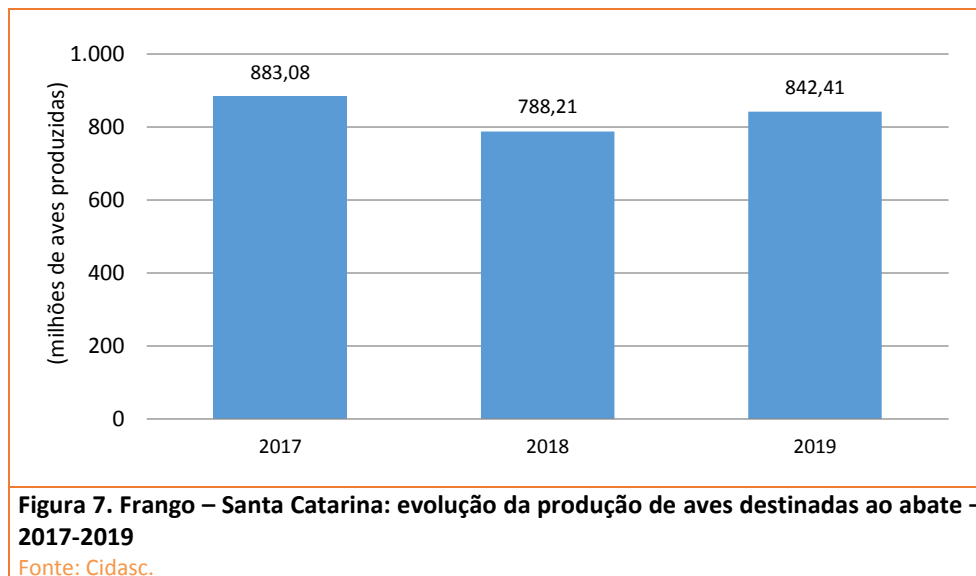
Além da PSA e da gripe aviária, a China também enfrenta um surto de coronavírus que, além dos impactos sociais já observados, pode afetar a economia do país. Segundo recente relatório divulgado pelo Rabobank, o consumo de proteínas de origem animal na China deve apresentar queda durante o 1º trimestre, impactado pela doença. O Rabobank aponta que o impacto do coronavírus é diferente para cada tipo de proteína. Uma das mais afetadas é a carne bovina, cujo consumo ocorre, preponderantemente, em restaurantes, grande parte dos quais estiveram fechados ou funcionaram com clientela reduzida nas últimas semanas. As carnes suína e de frango devem sofrer menor impacto, já que os restaurantes representam uma fatia menor do consumo das mesmas.

Além dos pontos de consumo, o impacto do coronavírus sobre as exportações brasileiras de carnes pode se dar de outras maneiras, diretas ou indiretas. Um exemplo de impacto direto é a restrição de circulação de pessoas em algumas regiões da China, que dificulta a chegada de produtos até as cidades ou províncias afetadas. Em termos de impactos indiretos, pode se mencionar a redução do ritmo de crescimento da economia chinesa, já apontada por alguns analistas, que resultaria na redução da renda da população e num menor consumo de carnes. Por enquanto, ainda não é possível dimensionar com algum grau de confiabilidade os impactos sobre o mercado de carnes, o que depende da evolução da doença.

Segundo relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os preços globais de carnes tiveram queda significativa em janeiro, após 11 meses consecutivos de alta. O índice de preços de carnes da FAO caiu 4% em janeiro na comparação com dezembro, mas ainda está 14% acima do valor registrado no mesmo mês do ano passado. A queda foi influenciada pela redução nas importações por parte de diversos países, principalmente a China e outras nações asiáticas, após elevadas aquisições no fim de 2019.

Produção catarinense de frangos - 2019

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em 2019 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate um total de **842,41 milhões** de frangos, crescimento de **6,9%** em relação ao ano anterior.



Para informações mais detalhadas sobre o abate de frangos e outras aves em Santa Catarina, recomenda-se a consulta ao Sistema Integrado de Informações Agropecuárias, da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural de Santa Catarina (<http://www.infoagro.sc.gov.br>).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois das acentuadas altas no último trimestre de 2019, em janeiro observou-se queda nos preços do boi gordo em praticamente todas as praças. Esse movimento já era esperado, pois janeiro e fevereiro normalmente são meses em que se registra consumo reduzido. Além disso, tendo em vista os patamares de preço recordes alcançados pela carne bovina em 2019, a redução no consumo e substituição por outras proteínas de origem animal foi ainda mais drástica, o que ajudou a puxar os preços para baixo. Por outro lado, os preços das primeiras semanas de fevereiro indicam novo movimento de alta na maioria dos estados.

Na comparação entre os preços de janeiro e a média preliminar de fevereiro, variações positivas são registradas em seis dos oito estados analisados: 1,1% em São Paulo, 0,8% no Mato Grosso do Sul, 0,7% em Goiás, 0,6% em Minas Gerais, 0,5% no Mato Grosso e 0,2% no Paraná. O Rio Grande do Sul registrou queda de 1,0% nesse período. Em Santa Catarina, por sua vez, a queda em relação a dezembro foi de 7,4% (não há dados disponíveis para o mês de janeiro).

Além do bom ritmo das exportações, a retomada no movimento de alta nos preços do boi gordo está relacionada à boa disponibilidade das pastagens nas principais regiões produtoras do país, o que aumenta a capacidade de retenção dos animais por parte dos pecuaristas. Com isso, os produtores buscam pressionar os preços para cima, de forma a melhorar suas margens.

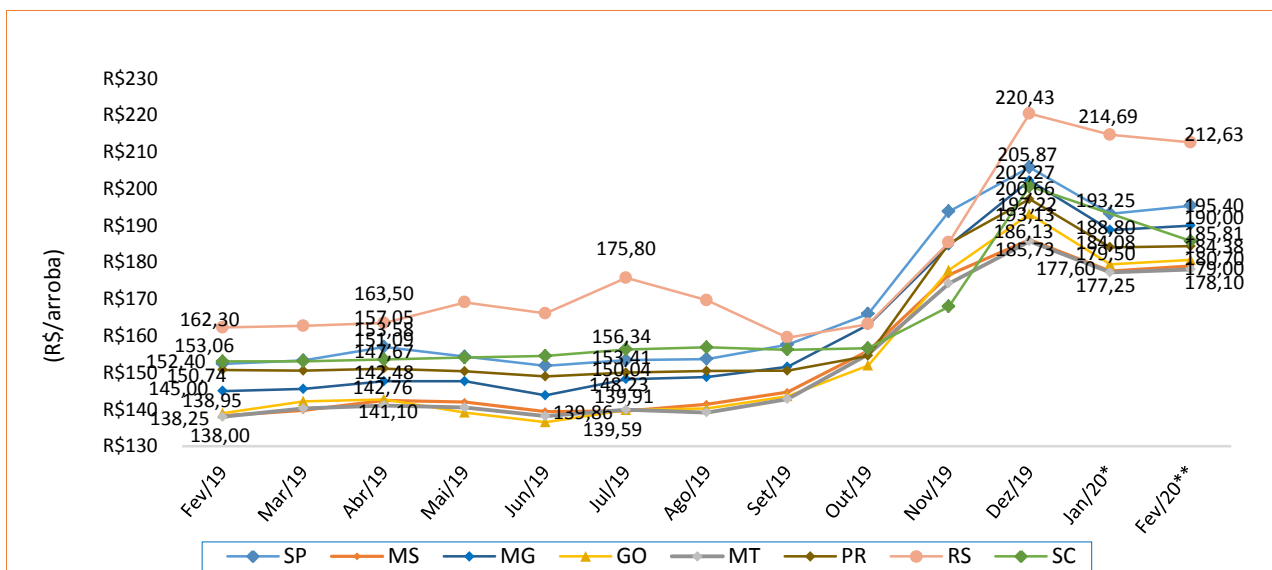


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Em relação a fevereiro de 2019, os valores atuais apresentam altas expressivas em todos os estados analisados: 31,0% em Minas Gerais, 31,0% no Rio Grande do Sul, 30,0% em Goiás, 29,5% no Mato Grosso do Sul, 29,1% no Mato Grosso, 28,2% em São Paulo, 22,3% no Paraná e 21,4% em Santa Catarina. Vale mencionar que a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,2%, segundo o IPCA/IBGE.

Em relação a Santa Catarina, registram-se quedas ainda maiores que a média estadual nas duas praças de referência para o preço do boi gordo, na comparação entre fevereiro e dezembro de 2019: -20,2% em Chapecó e -9,6% em Lages.

Contudo, quando se compara a média preliminar de fevereiro com o mesmo mês de 2019, as variações são positivas em todos os casos: 6,8% em Chapecó, 14,8% em Lages e 21,4% na média estadual.

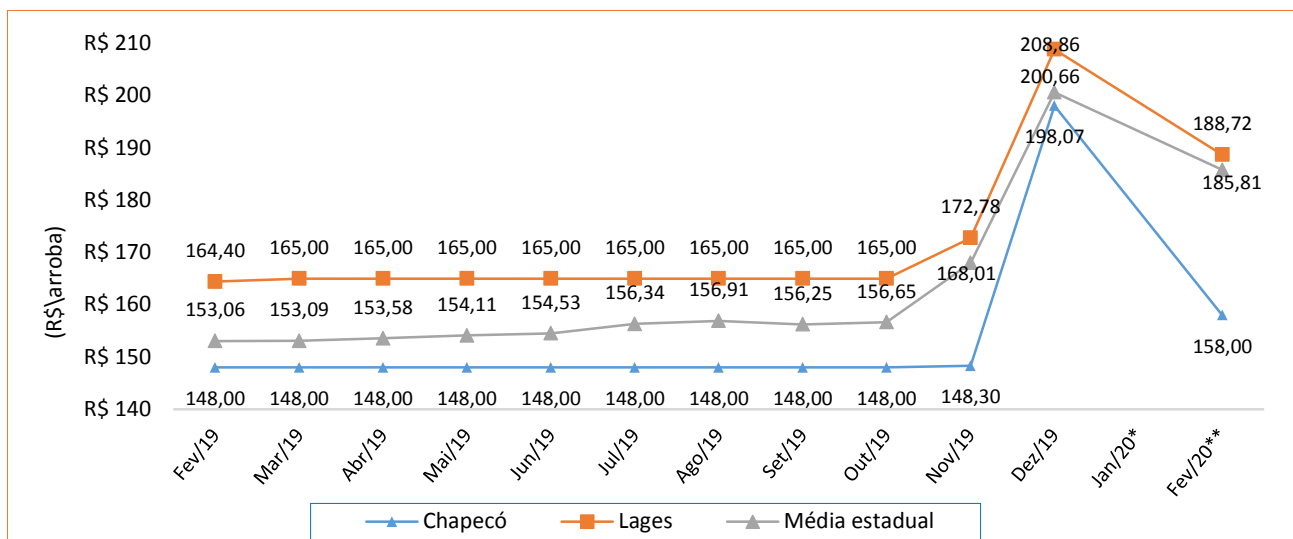


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

No último bimestre de 2019, o mercado atacadista de Santa Catarina foi marcado por expressivas altas nos preços, por conta da conjunção de fatores descrita no boletim anterior. No início de 2020, contudo, observou-se uma acomodação no mercado. Na comparação com os valores de dezembro, a média preliminar de fevereiro apresentou alta no caso da carne de dianteiro (1,7%), mas o índice foi inferior aos meses anteriores. Já a carne de traseiro registrou queda de 5,8% nesse período. Na comparação com os valores praticados em fevereiro de 2019, contudo, as altas são significativas em ambos os cortes: 48,5% na carne de dianteiro e 24,4% na carne de traseiro.

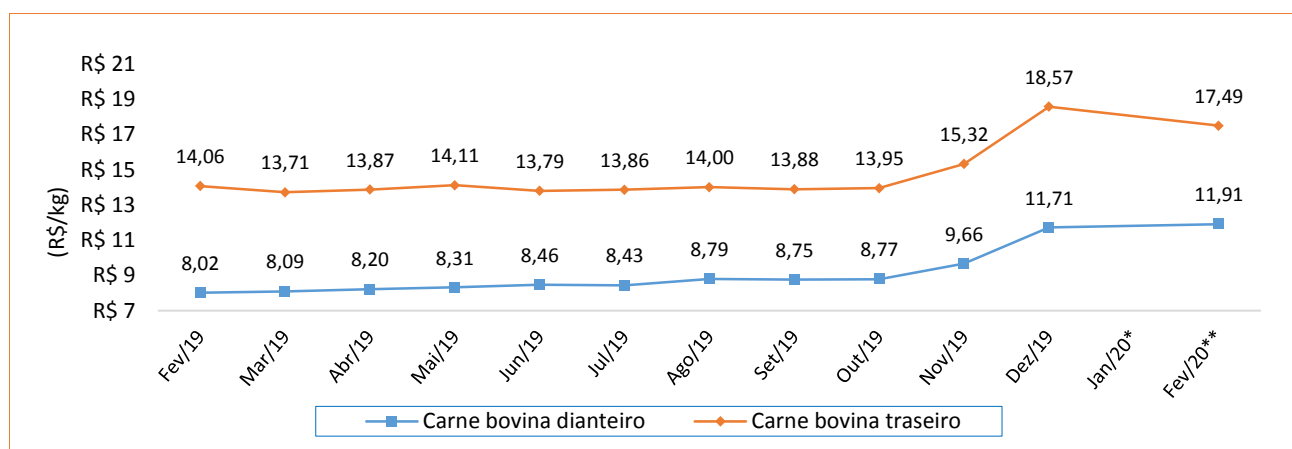


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: Atacado – preço médio mensal estadual

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Observando-se as diversas praças de coleta de preços no estado, observam-se movimentações distintas entre as mesmas, além das variações dentro de uma mesma praça ao longo das semanas. Esse cenário demonstra que os preços da carne bovina ainda estão em fase de acomodação, processo que pode se estender ao longo das próximas semanas, até que se atinja um certo equilíbrio.

Custos

Seguindo a tendência predominante no 2º semestre de 2019, nas duas primeiras semanas de fevereiro os animais de reposição apresentaram altas significativas em relação ao período anterior considerado (dezembro/2019). O preço médio preliminar dos bezerros para corte de até 1 ano em Santa Catarina subiu 10,1% na comparação com dezembro, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos aumentaram 8,8% no período. Na comparação com fevereiro de 2019, as variações são significativas em ambos os casos: 31,3% para os bezerros e 25,9% para os novilhos.

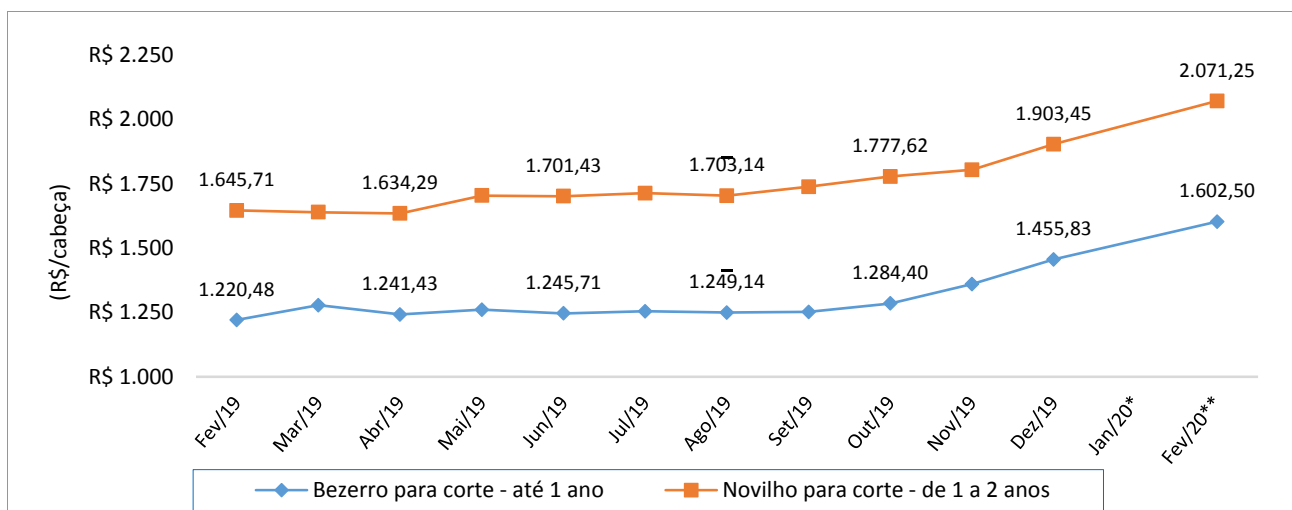


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **135,26 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **22,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **9,9%** na comparação com janeiro de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$631,51 milhões**, queda de **24,5%** na comparação como mês anterior, mas alta de **38,1%** em relação a janeiro de 2019.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em janeiro foi de US\$4.922,57/tonelada, alta de 31,31% em relação ao mesmo mês de 2019.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira no mês passado foram China, Hong Kong, Chile, Egito e Israel, responsáveis por 73,6% das receitas e 68,0% do volume embarcado.

A China, principal comprador, ampliou em 200,9% as receitas e 126,0% o volume importado este ano, na comparação com o mesmo período de 2019. China e Hong Kong (região administrativa especial da China) responderam por 63,7% das receitas brasileiras com exportação de carne bovina no mês passado.

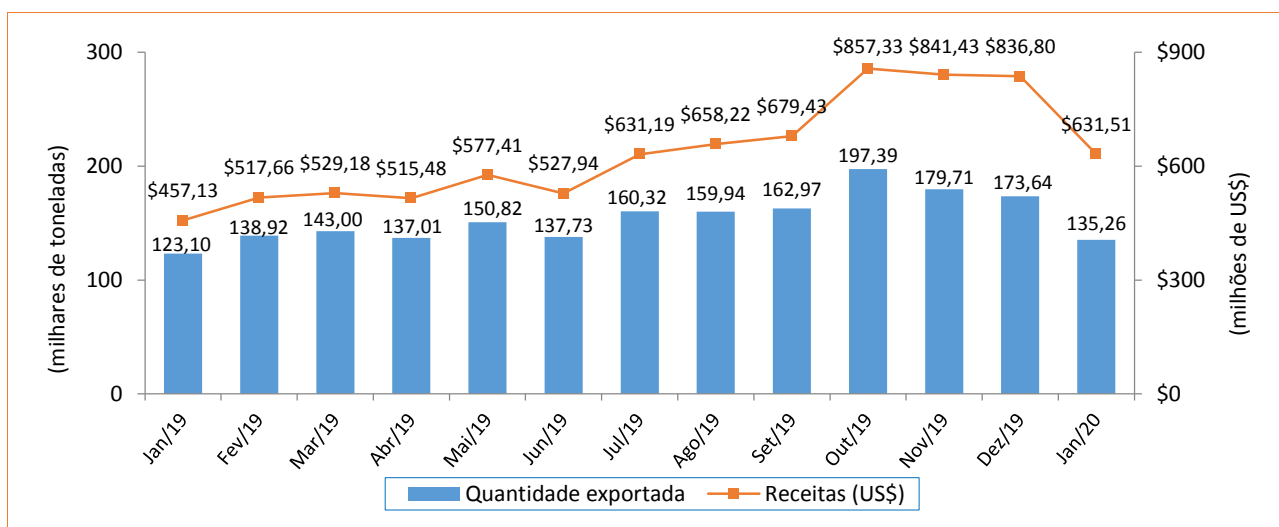


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de fevereiro (5 dias úteis) observou-se aumento na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mês anterior: 22,0% em valor e 26,8% em quantidade. Em relação à média diária de fevereiro de 2019, também se registram altas: 47,5% em valor e 16,8% em quantidade. Contudo, é necessário cautela ao levar em consideração tais números, pois os resultados das primeiras semanas normalmente trazem embutidos valores não contabilizados no mês anterior. À medida que o mês avança, esses montantes adicionais são diluídos. Outro fator que deve ser levado em consideração é que, não obstante estarmos num ano bissexto, fevereiro de 2020 tem apenas 18 dias úteis, contra 22 de janeiro e 20 de fevereiro do ano passado.

Em janeiro, Santa Catarina exportou **411 toneladas** de carne bovina, alta de 65,7% em relação ao mês anterior e de 6,4% na comparação com janeiro de 2019. O faturamento foi de **US\$1,23 milhão**, 58,8% superior a dezembro e 13,8% acima do registrado em janeiro do ano passado. Hong Kong foi o destino de 57,8% da carne bovina exportada pelo estado este ano.

Não obstante a queda observada em janeiro, segue a expectativa de que as exportações brasileiras de carne bovina deste ano superem os montantes de 2019, principalmente em função da demanda da China, país severamente afetado pela peste suína africana (PSA) desde agosto de 2018 e que, no início de fevereiro, relatou a detecção de um novo surto do vírus H5N1 (gripe aviária), o que pode afetar a produção avícola.

Por outro lado, a China também enfrenta um surto de coronavírus que, além dos impactos sociais já observados, pode afetar a economia do país. Segundo recente relatório divulgado pelo Rabobank, o consumo de proteínas de origem animal na China deve apresentar queda durante o 1º trimestre, impactado pela doença. O Rabobank aponta que o impacto do coronavírus é diferente para cada tipo de proteína. Uma das mais afetadas é a carne bovina, cujo consumo ocorre, preponderantemente, em restaurantes, grande parte dos quais estiveram fechados ou funcionaram com clientela reduzida nas últimas semanas.

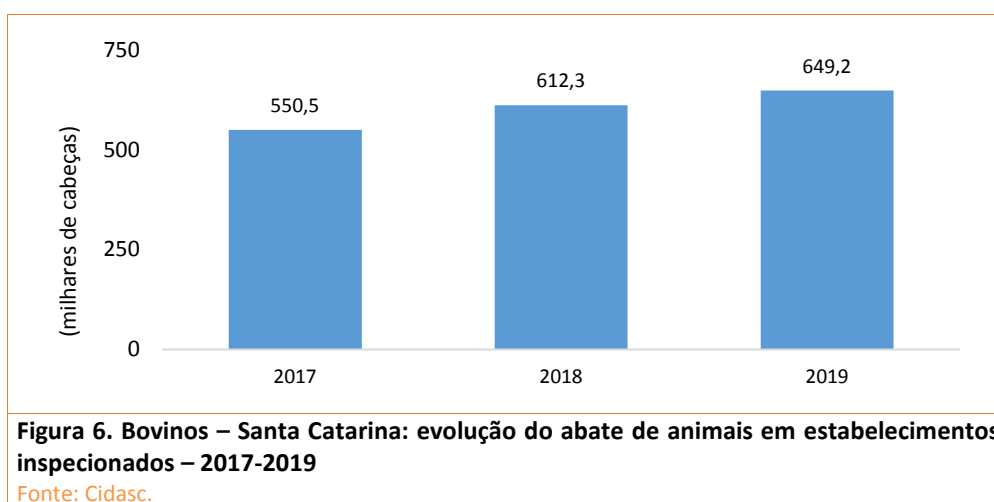
Além dos pontos de consumo, o impacto do coronavírus sobre as exportações brasileiras de carnes pode se dar de outras maneiras, diretas ou indiretas. Um exemplo de impacto direto é a restrição de circulação de pessoas em algumas regiões da China, o que dificulta a chegada de produtos até as cidades ou províncias afetadas. Em termos de impactos indiretos, pode se mencionar a redução do ritmo de crescimento da economia chinesa, já apontada por alguns analistas, que resultaria na redução da renda da

população e num menor consumo de carnes. Por enquanto, ainda não é possível dimensionar com algum grau de confiabilidade os impactos sobre o mercado de carnes, o que depende da evolução da doença.

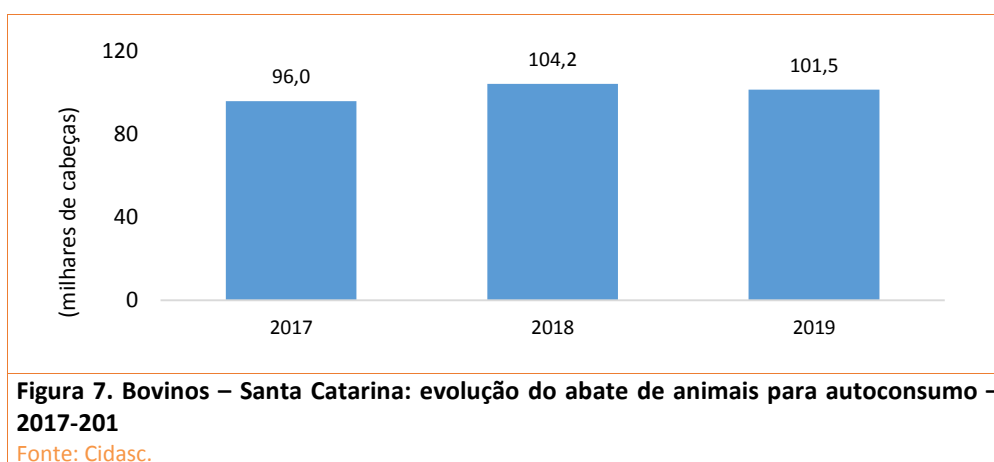
Segundo relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os preços globais de carnes tiveram queda significativa em janeiro, após 11 meses consecutivos de alta. O índice de preços de carnes da FAO caiu 4% em janeiro na comparação com dezembro, mas ainda está 14% acima do valor registrado no mesmo mês do ano passado. A queda foi influenciada pela redução nas importações por parte de diversos países, principalmente a China e outras nações asiáticas, após elevadas aquisições no fim de 2019.

Produção catarinense de bovinos - 2019

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em 2019 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate em estabelecimentos inspecionados um total de **649,2 mil** bovinos, crescimento de **6,0%** em relação ao ano anterior.



Os abates para autoconsumo, por sua vez, totalizaram **101,5 mil** cabeças em 2019, queda de **2,6%** em relação ao ano anterior.



Para informações mais detalhadas sobre o abate de bovinos em Santa Catarina, recomenda-se a consulta ao Sistema Integrado de Informações Agropecuárias, da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural de Santa Catarina (<http://www.infoagro.sc.gov.br>).

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de altas significativas ao longo do 2º semestre de 2019, em janeiro os preços do suíno vivo apresentaram recuos em praticamente todos os estados analisados, em grande medida, por conta da

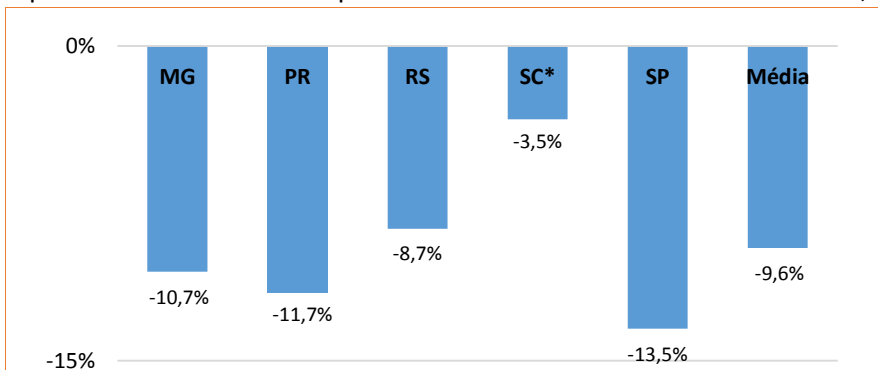


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (janeiro/fevereiro de 2020)**

* No caso de SC, a comparação é entre os meses de fevereiro/2020 e dezembro/2019.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

redução no consumo de carnes que tradicionalmente se observa nesse período. Em fevereiro, os preços preliminares dos suínos vivos novamente registram quedas nos principais estados produtores. Os índices variam de -3,5%, em Santa Catarina a -13,5%, em São Paulo, como é possível observar no gráfico ao lado.

Contudo, ao analisar-se os preços diários, percebe-se variações positivas ao longo das últimas semanas na maioria dos

estados, o que pode indicar a retomada de um movimento de alta mais consistente ao longo da 2ª quinzena deste mês.

Na comparação entre os valores atuais e os preços médios de fevereiro de 2019, as diferenças ainda são fortemente positivas nos cinco estados: 52,8% no Rio Grande do Sul, 43,8% em Santa Catarina, 42,4% no Paraná, 41,1% em Minas Gerais e 37,9% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,19%, segundo o IPCA/IBGE.

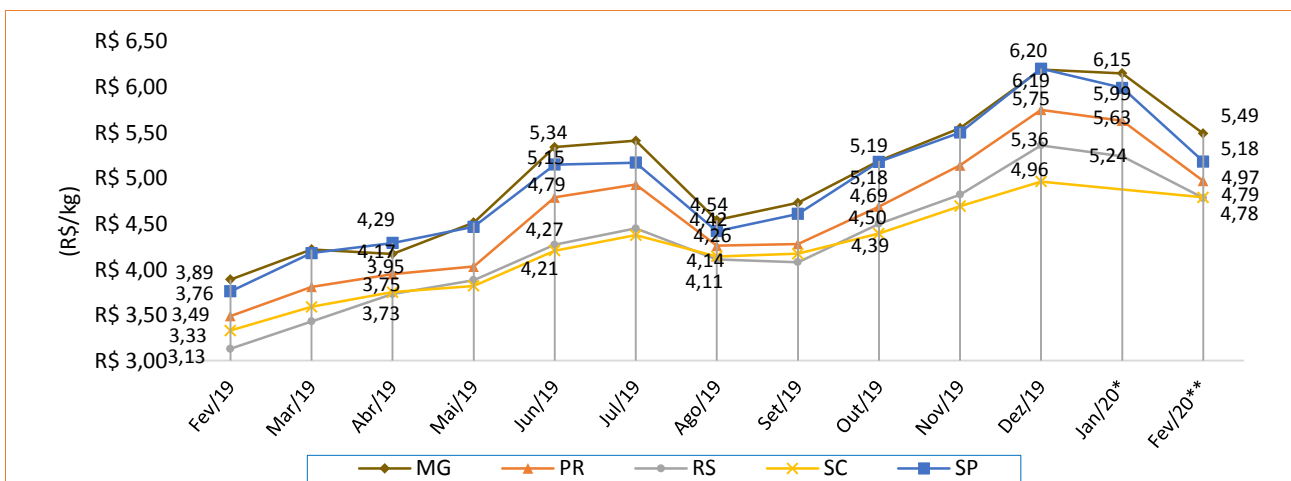


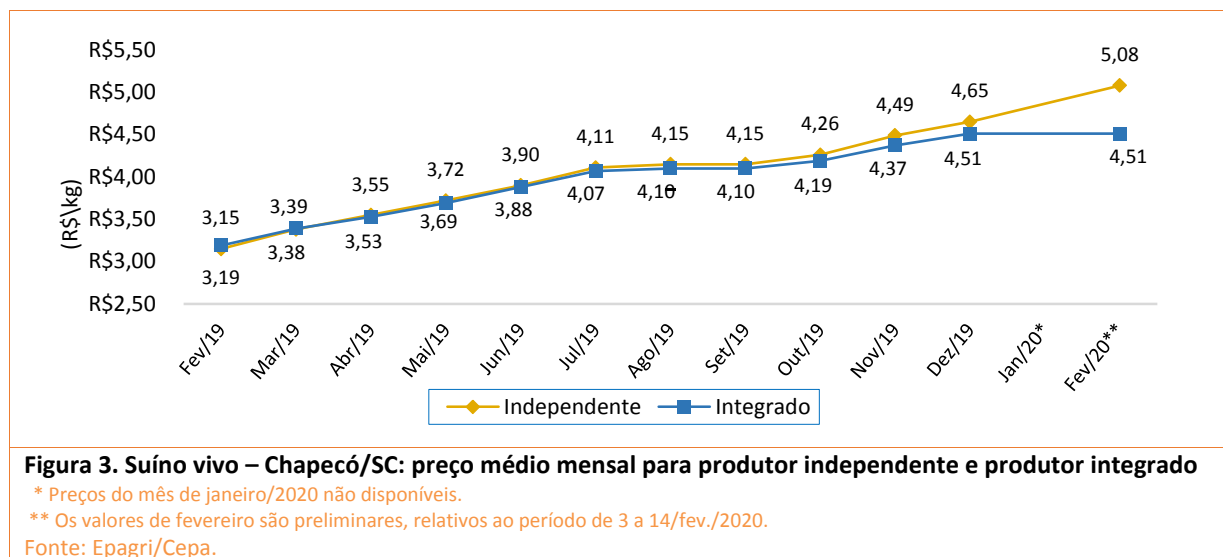
Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor nos principais estados

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

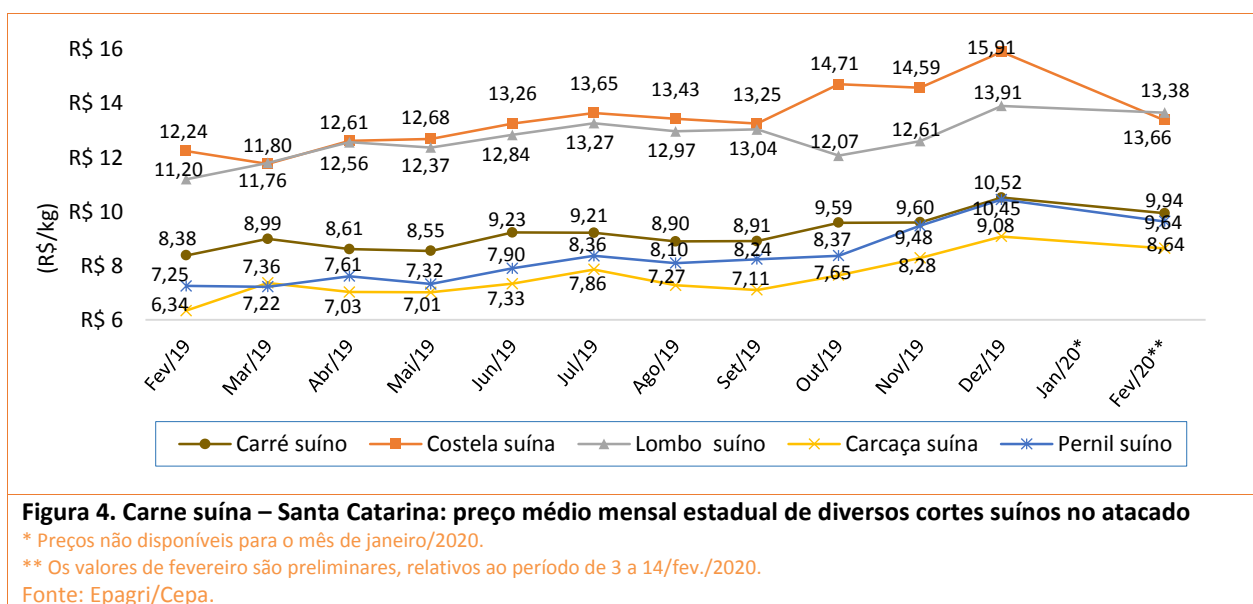
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Diferentemente do cenário nacional e da média estadual, em Chapecó, praça catarinense de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, não houve variações negativas no preço preliminar de fevereiro em relação a dezembro do ano passado. O valor ao produtor integrado manteve-se inalterado no período, enquanto o preço pago ao independente apresentou alta de 9,2%. Na comparação com fevereiro de 2019, as altas são expressivas para ambas as categorias: 61,3% para os produtores independentes e 41,4% para os integrados.



No mercado atacadista, por sua vez, observou-se o predomínio da tendência de baixa, na comparação entre as médias preliminares de fevereiro e os preços de dezembro. Todos os cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram quedas no período mencionado: costela (-15,9%), pernil (-7,7%), carré (-5,5%), carcaça (-4,8%) e lombo (-1,8%). A variação média dos cinco cortes foi de -7,2%.

Em relação aos preços de fevereiro de 2019, contudo, as variações ainda são positivas em todos os casos: carcaça (36,4%), pernil (33,0%), lombo (22,0%), carré (18,6%) e costela (9,3%). Na média, a variação foi de 23,8% nesse período.



Segundo alguns analistas, o viés de queda nos preços do suíno vivo e dos cortes no atacado é decorrente, principalmente, do baixo ritmo de negócios entre atacado e varejo, em função da fraca demanda doméstica. Caso esse cenário se mantenha ao longo dos próximos meses, o setor precisará contar ainda mais com as exportações para garantir a manutenção dos patamares de preços atingidos ao longo do último ano.

Algumas agroindústrias têm sinalizado um possível aumento nos preços ao consumidor nos primeiros meses deste ano, como forma de compensar o aumento nos custos de produção observado ao longo dos últimos meses.

Custos

Em fevereiro, os preços preliminares dos leitões mantiveram o movimento de alta registrado no setor desde junho de 2018: os animais de 6 a 10kg apresentaram alta de 1,3% em relação a dezembro de 2019, enquanto os leitões na faixa dos 22kg tiveram variação de 0,3% no mesmo período. Na comparação com as médias de fevereiro de 2019, verificam-se altas consistentes para ambas as categorias: 39,8% para os leitões de 6 a 10kg e de 40,8% para os leitões na faixa dos 22kg.

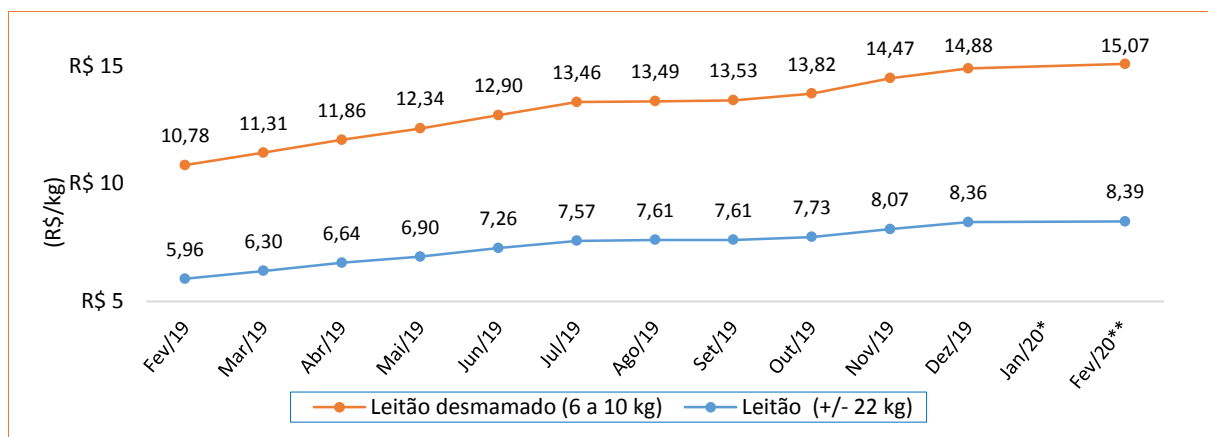


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de fevereiro, a relação de equivalência insumo-produto manteve-se estável em relação ao período anterior considerado (dezembro/2019), com leve queda de 0,2%. Esse resultado é decorrente da alta no preço do suíno vivo (4,7%), um pouco superior à elevação do preço do milho (4,4%). Em relação a fevereiro de 2019, o valor atual apresenta queda de 22,6%.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) referente ao mês de janeiro, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 2,4% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação é de 10,4%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (8,9%).

Não obstante um cenário preponderantemente favorável, principalmente por conta das exportações, os custos de produção são uma grande preocupação para os produtores, em especial os independentes. Como demonstra o ICPSuíno, o principal responsável por essa situação é o milho, que chega a representar cerca de 70% do custo de produção de um suíno.

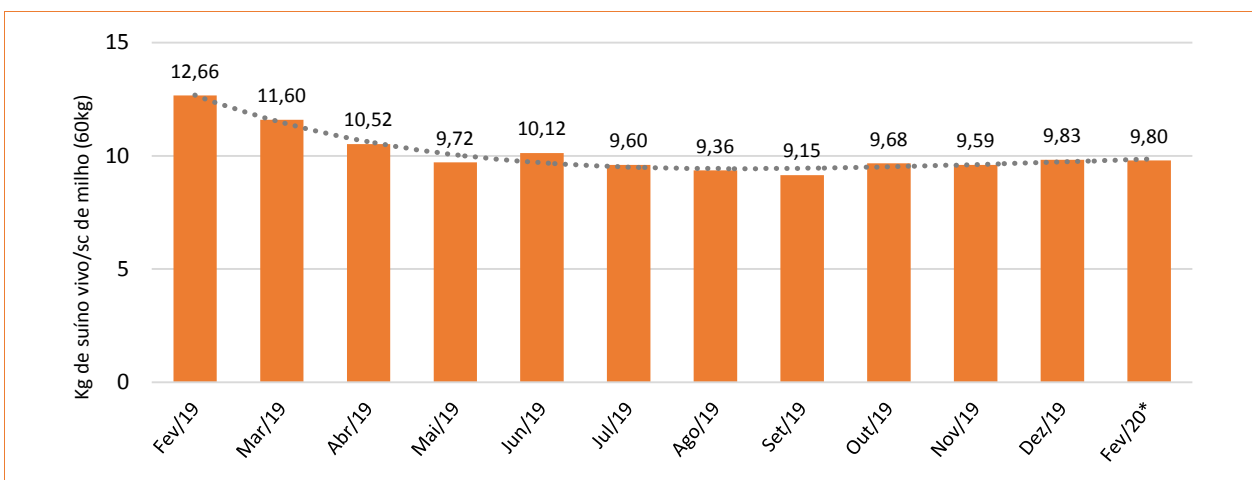


Figura 6. Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir uma saca de milho (60kg)

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 3 a 14/fev./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **67,70 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **9,2%** em relação ao mês anterior, mas alta de **42,0%** na comparação com janeiro de 2019. É necessário destacar que, em dezembro passado, registrou-se o maior volume de carne suína já embarcado pelo Brasil num único mês desde 1997, o que ajuda a explicar a variação negativa observada no mês passado.

As receitas de janeiro foram de **US\$163,30 milhões**, queda de **10,3%** em relação ao mês anterior, mas alta de **79,9%** na comparação com janeiro de 2019. Mais uma vez, destaca-se que o valor exportado em dezembro passado foi o segundo maior da história.

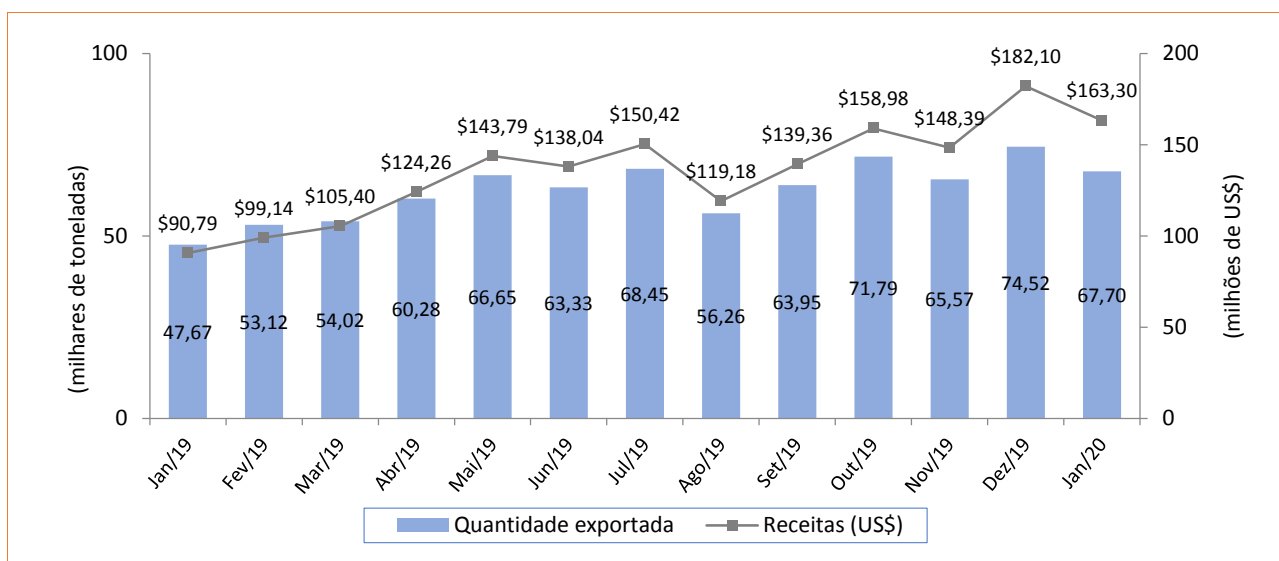


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

O excelente desempenho das exportações brasileiras de carne suína deve-se, essencialmente, às vendas para a China. Em relação a janeiro de 2019, no mês passado as importações chinesas cresceram 251,6% em volume e 373,8% em receitas. China e Hong Kong (região administrativa especial da China) responderam por 70,4% das receitas brasileiras com vendas de carne suína no mercado externo em janeiro.

De acordo com os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de fevereiro (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou alta em relação ao mês anterior: 45,5% em valor e 50,9% em quantidade. Na comparação com as médias diárias de fevereiro de 2019, as altas são ainda mais significativas: 122,4% em valor e 77,2% em quantidade. Contudo, é necessário cautela ao levar em consideração tais números, pois os resultados das primeiras semanas normalmente trazem embutidos valores não contabilizados no mês anterior. À medida que o mês avança, esses montantes adicionais são diluídos. Outro fator que deve ser levado em consideração é que, não obstante estarmos num ano bissexto, fevereiro de 2020 tem apenas 18 dias úteis, contra 22 de janeiro e 20 de fevereiro do ano passado.

Santa Catarina exportou **38,56 mil** toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em janeiro, alta de **2,0%** em relação ao mês anterior e de **31,6%** na comparação com janeiro de 2019. Esse é o segundo maior volume já exportado num único mês, ficando atrás apenas de julho de 2018.

O faturamento foi de **US\$91,76 milhões**, alta de **1,7%** em relação ao mês anterior e de **74,2%** na comparação com janeiro de 2019. Esse é o novo recorde de receitas geradas num único mês pelas exportações de carne suína do estado.

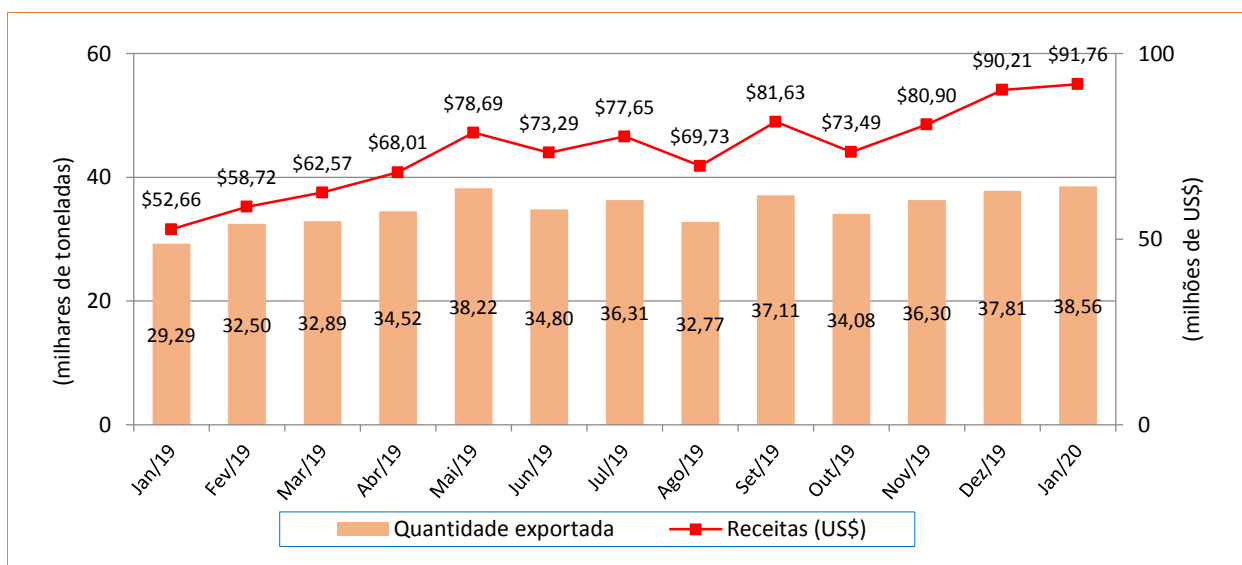


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas (2019/2020)

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro foi de **US\$2.495,47/tonelada**, alta de 0,35% em relação a dezembro e de 29,96% quando comparado a janeiro de 2019.

Santa Catarina foi responsável por **56,2%** das receitas e **57,0%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil no mês passado. Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 78,6% das receitas e 76,4% da quantidade embarcada.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	51.361.293,00	19.959
Hong Kong	11.752.266,00	5.863
Chile	8.978.352,00	3.647
Estados Unidos	2.763.041,00	773
Japão	2.585.916,00	785
Demais países	14.315.580,00	7.531
Total	91.756.448,00	38.558

Fonte: Comex Stat.

A China, mais uma vez, foi o principal destino da carne suína catarinense em janeiro, com 19,96 mil toneladas e US\$51,36 milhões (56,0% do total). Na comparação com janeiro de 2019, as vendas para a China cresceram 221,8% em valor e 150,7% em quantidade. Contudo, quando se leva em consideração o mês anterior (dezembro/2019), registra-se queda de 6,6% em valor e 4,4% em quantidade. China e Hong Kong responderam por 68,8% dos embarques catarinenses de carne suína no mês passado.

Por outro lado, quedas significativas (-39,9% em valor e -57,1% em quantidade) foram registradas nos embarques para a Argentina, país que há quase dois anos atravessa uma severa crise econômica. As exportações para o Uruguai também registraram queda considerável: -37,6% em valor e -55,4% em quantidade. Outro dado que chama a atenção é a ausência de embarques de carne suína para a Rússia em dezembro e janeiro. É normal que se observem quedas nesse período, em função das restrições ocasionadas pelas condições climáticas extremas daquele país. Contudo, com exceção do período do embargo, que perdurou entre dezembro/2017 e novembro/2018, nos demais anos não se registrou tal situação.

Dentre os demais destinos, destacam-se as altas registradas nas exportações catarinenses para Japão (312,9% em valor e 329,5% em quantidade, na comparação com janeiro de 2019), Coreia do Sul (260,4% e 121,2%) e Vietnã (192,7% e 226,1%). É importante destacar que os dois primeiros se constituem em mercados exclusivos de Santa Catarina e são reconhecidos por seu elevado rigor em relação às questões sanitárias. Já o Vietnã, assim como a China, enfrenta uma severa crise na suinocultura, por conta do surto de peste suína africana (PSA) que atinge a Ásia desde agosto de 2018.

A expectativa é de que as exportações brasileiras de carne suína deste ano superem os montantes de 2019, principalmente em função da demanda da China, que além da PSA, no início de fevereiro relatou a detecção de um novo surto do vírus H5N1 (gripe aviária), que pode afetar a produção avícola.

Por outro lado, a China também enfrenta um surto de coronavírus que, além dos impactos sociais já observados, pode afetar a economia do país. Segundo recente relatório divulgado pelo Rabobank, o consumo de proteínas de origem animal na China deve apresentar queda durante o 1º trimestre, impactado pela doença. O Rabobank aponta que o impacto do coronavírus é diferente para cada tipo de proteína. Uma das mais afetadas é a carne bovina, cujo consumo ocorre, preponderantemente, em restaurantes, grande parte dos quais estiveram fechados ou funcionaram com clientela reduzida nas últimas semanas. As carnes suína e de frango devem sofrer menor impacto, já que os restaurantes representam uma fatia menor do consumo das mesmas.

Além dos pontos de consumo, o impacto do coronavírus sobre as exportações brasileiras de carnes pode se dar de outras maneiras, diretas ou indiretas. Um exemplo de impacto direto é a restrição de circulação de pessoas em algumas regiões da China, que dificulta a chegada de produtos até as cidades ou províncias afetadas. Em termos de impactos indiretos, pode se mencionar a redução do ritmo de crescimento da economia chinesa, já apontada por alguns analistas, que resultaria na redução da renda da população e num menor consumo de carnes. Por enquanto, ainda não é possível dimensionar com algum grau de confiabilidade os impactos sobre o mercado de carnes, o que depende da evolução da doença.

Segundo relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os preços globais de carnes tiveram queda significativa em janeiro, após 11 meses consecutivos de alta. O índice de preços de carnes da FAO caiu 4% em janeiro na comparação com dezembro, mas ainda está 14% acima do valor registrado no mesmo mês do ano passado. A queda foi influenciada pela redução nas importações por parte de diversos países, principalmente a China e outras nações asiáticas, após elevadas aquisições no fim de 2019.

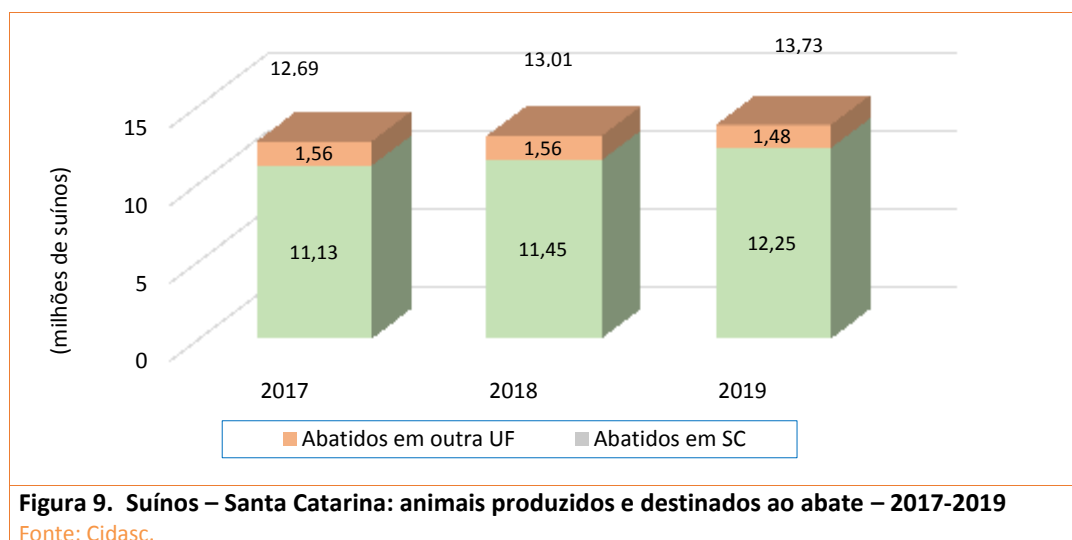
Peste suína africana (PSA)

Nas últimas semanas, o número de focos de PSA registrados na Ásia cresceu 148%, passando de 570 para mais de 1.400. A quase totalidade das novas ocorrências foram registradas na Indonésia, país que teve seu primeiro caso confirmado em setembro de 2019.

Segundo a FAO, desde o início da crise já foram detectados focos de PSA em onze países asiáticos (Camboja, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Laos, Mongólia, Myanmar, Timor Leste e Vietnã), resultando na eliminação de mais de 7,83 milhões de suínos por causa do surto da doença que atinge o continente. Os dados da FAO divergem das estimativas de analistas de mercado, pois contabilizam somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país. Em relação aos dados apresentados no boletim anterior, aumentou em 62 mil o número de animais mortos ou sacrificados em decorrência direta da doença.

Produção catarinense de suínos - 2019

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em 2019 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate em estabelecimentos localizados no próprio estado um total de **12,25 milhões** de suínos, crescimento de **7,0%** em relação ao ano anterior. Além disso, **1,48 milhões** de suínos foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate em outras unidades da federação, **queda de 4,7%**. No total, Santa Catarina produziu **13,73 milhões** de suínos no ano passado, **5,6%** mais do que em 2018.



Para informações mais detalhadas sobre o abate de suínos em Santa Catarina, recomenda-se consultar o Sistema Integrado de Informações Agropecuárias, da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural de Santa Catarina (<http://www.infoagro.sc.gov.br>).

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção

No dia 13/02 o IBGE divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite, de âmbito nacional e relativos ao último trimestre de 2019. Ainda que sejam dados preliminares, já é possível concluir que 2019 foi mais um ano de baixo crescimento da produção leiteira nacional. O discreto crescimento de 2,2% na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas em relação à 2018, seria ainda menor se não fosse o comprometimento na captação de leite em várias regiões brasileiras, em maio e junho daquele ano, em face das paralisações dos caminhoneiros (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru: Brasil – Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas - 2014-19

UF	Bilhão de litros						Var. %	
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2018-19	2014-19
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,161	2,213	2,4	-0,7
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,890	1,936	2,4	0,7
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,968	2,065	4,9	1,3
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	1,921	2,6	0,5
Maio	1,948	1,886	1,742	1,907	1,734	1,964	13,3	0,8
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	1,970	5,2	1,6
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,036	2,080	2,2	3,1
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,120	2,133	0,6	0,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,100	2,081	-0,9	-0,2
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141	2,222	2,201	-0,9	3,9
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154	2,210	2,177	-1,5	1,2
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250	2,271	2,264	-0,3	0,1
Total	24,747	24,063	23,170	24,334	24,457	25,005	2,2	1,0

2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Com esse comprometimento relativo a 2018, análises mais adequadas sobre o desempenho da produção leiteira de 2019 passam a depender do que ocorreu também em outros anos recentes. Neste sentido, a depender da opção escolhida, pode-se ter tanto uma visão otimista ou nem tanto do desempenho produtivo de 2019. Na visão mais otimista, poderia se considerar que: foi o terceiro ano consecutivo de crescimento da quantidade de leite adquirida pelas indústrias; a quantidade adquirida aumentou expressivos 7,9% em apenas três anos (2016-2019); os 25,005 bilhões de litros recebidos pelas indústrias em 2019 são um recorde histórico, entre outros pontos. Na visão menos otimista, poderia se considerar que: de 2016 para 2017 houve crescimento bem superior, de 5%; o crescimento médio anual desde o final dos anos de 1990 até 2014 foi próximo de 5%; neste mesmo período foram relativamente comuns valores bem acima desta média de 5%, entre outros. Acrescente-se a isto o fato de que, embora seja um recorde, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias em 2019 foi apenas 1% superior aos 24,747 bilhões de litros de 2014, o que mostra que a partir de 2016 houve mais recuperação que perdas entre 2014 e 2016 do que crescimento de produção.

Balança comercial

Em janeiro de 2020 o saldo negativo da balança comercial de lácteos, de 7.724 toneladas, foi 35,8% menor que o de janeiro de 2019, de 12.035 toneladas. Contribui para isto tanto o decréscimo de 22,5% nas importações quanto o aumento de 77,1% nas exportações (Tabela 2). A desvalorização do real frente ao dólar e os baixos preços dos lácteos no mercado interno desestimulam as importações e estimulam as exportações. Isso tende a mudar nos meses vindouros, visto que, mesmo com a demanda interna fraca, os preços dos lácteos devem se elevar pela chegada do período mais agudo da entressafra (abril/maio). Em relação à taxa de câmbio (real x dólar) é difícil fazer projeções mais consistentes, mas parece improvável que varie a ponto de estimular importações significativas de lácteos.

Tabela 2. Lácteos: Brasil - Balança comercial 2018-2020

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Janeiro	8.366	13.649	10.583	2.068	1.614	2.859	-6.298	-12.035	-7.724
Fevereiro	10.332	16.046		2.263	2.329		-8.069	-13.717	
Março	9.029	10.689		2.228	2.897		-6.801	-7.792	
Abril	11.965	10.864		1.343	1.661		-10.622	-9.203	
Maio	13.418	13.729		712	1.947		-12.706	-11.782	
Junho	11.077	10.954		1.042	1.612		-10.035	-9.342	
Julho	13.848	9.949		1.127	1.799		-12.721	-8.150	
Agosto	13.266	9.858		2.018	1.893		-11.248	-7.965	
Setembro	11.863	12.759		2.653	2.035		-9.210	-10.724	
Outubro	18.471	9.777		1.919	1.959		-16.552	-7.818	
Novembro	17.919	10.826		2.207	2.074		-15.712	-8.752	
Dezembro	10.285	10.235		2.664	1.963		-7.621	-8.272	
Total	149.839	139.335		22.244	23.783		-127.595	-115.552	

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.

Preços

Na reunião de janeiro/20, o Conseleite/SC projetou o preço de referência com diferença insignificante do preço de dezembro/19 (Tabela 3). Como esse preço de janeiro serve de base para o preço a ser pago em fevereiro, a tendência indicada pela reunião era de pouca variação no preço recebido pelos produtores catarinenses neste mês de fevereiro. Embora isto esteja se confirmando para alguns produtores e até regiões, há também casos de variações bem significativas nos valores recebidos. Com isto, embora a Epagri/Cepa ainda não tenha preços de todas as regiões em que realiza levantamentos, é certo que o preço médio estadual ficará acima do valor de janeiro (Tabela 4).

Essa elevação não deixa de ser curiosa, na medida em que a estabilidade no preço de referência do Conseleite indica que os preços dos lácteos estão em patamares parecidos com os do final do ano passado, o que supostamente não permitiria elevações nos preços aos produtores. São basicamente duas as explicações para esses aumentos: a primeira, e principal, é que havia indústrias pagando preços inferiores às demais e agora decidiram por recuperar essas diferenças (essas são as indústrias que deram/darão os maiores aumentos em fevereiro); e a segunda, que não deixa de ter relação com a primeira, é que, em algumas regiões do estado, parte das indústrias está se adiantando com melhores preços para garantir mais matéria-prima no período de entressafra que se avizinha, na expectativa de que os preços dos lácteos e consequentemente as margens de comercialização estejam bem melhores que os níveis atuais.

Tabela 3. Leite padrão: Santa Catarina – Preços de referência do Conleite/SC – 2018-2020

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2186	20,3	4,5
Fevereiro	1,0128	1,2309		21,5	
Março	1,0857	1,1957		10,1	
Abril	1,1295	1,2185		7,9	
Mai	1,1522	1,2535		8,8	
Junho	1,3454	1,2036		-10,5	
Julho	1,4050	1,1560		-17,7	
Agosto	1,2997	1,1918		-8,3	
Setembro	1,2582	1,1767		-6,5	
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Janeiro/2020: Valor projetado.

Fonte: Conleite/SC.

Tabela 4. Leite: Santa Catarina - preço médio⁽¹⁾ aos produtores - 2018-20

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17		24,5	
Março	0,96	1,25		30,2	
Abril	1,01	1,27		25,7	
Mai	1,09	1,32		21,1	
Junho	1,14	1,32		15,8	
Julho	1,30	1,23		-5,4	
Agosto	1,35	1,19		-11,9	
Setembro	1,31	1,21		-7,6	
Outubro	1,28	1,21		-5,5	
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.